

BIBLIOTHECA DE
ALGIBEIRA

NOITES DE
INSOMNIA

SUMMARIO

Petronilla, Gamarra, Zamperini—Entrada para os salões—Os salões, introdução, pelo exc.^{mo} snr. visconde de Ouguella—Ecce iterum «Silva» Chrispinus—Santos-Silva—Doudo Illustre—A catastrophe—Renan—Correcções—Mau exemplo de poetas casados—A casa de Bragança «ab ovo»—Um inquisidor portuguez e o principe de Gales—Trilogia da «Actualidade»

**PETRONILLA, GAMARRA,
ZAMPERINI**

Assim se chamaram as tres actrizes que mais dinheiro vampirizaram aos argentarios portuguezes no seculo XVIII.

Petronilla, cantora italiana, representou em Lisboa desde 1739 até 1745. Não era bella, nem artista superior; enquiçava, porém, com philtros diabolicos; fascinava, fulminava, cauterisava o cerebro das mais solidas cabeças, sem respeitar as testas coroadas.

Um dos seus amantes foi D. João V, que orçava então pelos cinquenta. Petronilla, ou Pellatroni (dava por ambos os nomes) não se parecia com as «princezas de comedia e deusas da Opera», consoante Arsène Houssaye denomina as actrizes e dançarinas francezas coevas da amante do nosso Luiz XIV. Era absorvente como as suas parceiras; mas não esbanjava em galanices, equipagens e banquetes o producto liquido das suas transacções mercantis com o rei e os outros. Tão queridas se logravam as actrizes dos fidalgos portuguezes quanto os actores eram desprezados. O fidalgo, que não tivesse uma aventura de theatro, apenas poderia hobrear em proezas de galã com algum frade bernardo de costumes suspeitos. Os frades propriamente, n'aquelle tempo, frechavam do seu camarote o collo despeitorado da Petronilla com settas de amor platonico. Havia no theatro o *camarote dos frades*, collocado por baixo do camarote das açafatas. Tinha rotulas de pau, por entre as quaes os monges assopravam uns suspiros quentes como as lufadas da Arabia. Mas não passavam d'estes resfolegos os frades.

A porção illicita d'aquelles espectaculos pertencia ao rei e aos fidalgos. Estes gabavam-se de que as actrizes eram petisco, *morceau friand*,—dizia o cavalheiro de Oliveira—que só aos

grandes senhores competia. Na actriz não amavam arte nem belleza: amavam a comediante.

D. João V, acirrado pelos ciúmes dos seus camaristas, deixou-se illaquear n'aquelles braços elasticos da Petronilla, e locupletou-a de ouro e pedras.

Quando se passou a Castella, a garrida comica levou trinta cavalgadas carregadas de riquezas—diz Francisco Xavier de Oliveira—e acrescenta que, no theatro de Madrid, a quantidade e valor da pedraria que ostentou eram taes que as damas de primeira plana se morderam de inveja. (*OEuvres mêlées...* Londres, 1751, pag. 33). Em Hespanha continuou a enthesourar as crystallisações do seu espirito, amoadando a ternura. A final, quando viu que era tempo do cuidar da alma, visto que a parte menos espiritual da sua pessoa andava em geral descuido, retirou-se capitalista, beneficiou mosteiros, fez capellas de santas, do mesmo passo que o seu real amante D. João V fazia capellas de santos. Ambos comediantes, e ambos, a final, fizeram figas ao embaçado demonio.

*
* * *

Isabel Gamarra, hespanhola estreme, floreceu em Lisboa dezeseite annos antes de Petronilia, escripturada pelo actor e empresario castelhano Annio Ruiz. Este homem era optimo poeta, philosopho, historiador e cortezaõ—assevera Francisco Xavier de Oliveira.—D. João V dava-lhe uma pensão annual de 120 moedas de ouro. Não foi estranho aos amores de fina tempera velados pelos reposteiros heraldicos. Tinha espiritos levantados como o seu contemporaneo Dufraisne. Em quanto engodava os fidalgos com as suas actrizes, levava ás fidalgas consternadas a boa philosophia, a boa poetica, e os casos historicos analogos á situação. E assim viveu e medrou longos annos em Lisboa.

Isabel Gamarra floreceu entre nós quando em Paris arrebatava corações e algibeiras outra hespanhola, chamada Marianna Camarro, a celebrada dançarina; mas a nossa, que parecia, com pouca corrupção, a outra, quanto ao appellido, deixou em Portugal memorias dignas de romance de grande fôlego.

Um dos seus amantes foi o marquez de Gouvêa, pai do duque de Aveiro, justicado como regicida em 1758.

Era casada. O marido, a rogos do marquez, recebeu alguns mil cruzados; e, deixando-lh'a, declarou que a sua alliança não tivera a seriedade matrimonial. Isabel abundou no parecer do marido, e sahiu do theatro.

Amor, zelos, a gangrena que afistulava os costumes do tempo, e o descredito das ordens religiosas femininas, compelliram o marquez a instar com a Gamarra que professasse no mosteiro de Santa Monica, da ordem de Santo Agostinho.

E professou.

O marquez não despegava das grades, senão para servir o rei como mordomo-mór. Tinha esposa e filhos, já homens. Um foi o que fugiu com D. Maria da Penha de França e não voltou; o outro, já tambem sabem que tragico destino teve. Não tinham tido pai, senão para lhes dar o exemplo da libertinagem, com cabellos brancos.

E, por isso, a freira monica o ralava com impertinencias, instillando-lhe no peito bravos ciúmes, que eram a vingança da moral.

O marquez recebeu um dia simultaneamente duas ordens: o rei chamára-o ao paço, e Soror Isabel ao convento. O mordomo-mór oscillou alguns minutos quando já ia caminho da côrte, e mandou retroceder o coche para Santa Monica.

—Vês tu quanto te amo?—disse o marquez—dei-te a

preferencia, entre ti e o rei.

—Se fizesses outra cousa nunca mais me verias—replicou ella abespinhando-se.

—Mas olha que me arrisco a muito, obedecendo-te!...

—O teu dever é esse... *Antes que todo es mi dama*, diz Calderon de la Barca; e, se te não arriscares, e tudo sacrificares ao meu prazer, fraco amor me tens.

J'ai entendu moi-même tout ce petit dialogue, où il n'y a pas un seul mot de ma façon, diz o cavalheiro de Oliveira, (*OEuvres mêlées*, t. 3.^o p. 34).

Isto é apenas irrisorio, mas desculpavel. Todos temos na vida a má digestão de um pedaço de Gamarra. O que excede toda a piedade, que uns merecem os consocios de infortunio, é que ella o trahia com um Valentim da Costa Noronha, rapaz galante, valente, o unico por quem ella sentira alguma cousa que a indemnizava da repugnancia do habito. O cavalheiro de Oliveira conta-nos assim as miudezas d'aquelles amores, que levaram o velho marquez á cova:

«Conheci Gamarra melhor que ninguem. A estreita amizade, que tive com o Noronha, me occasionou durante dous annos ensejo de vê-la, conversal-a, e conhecer-lhe os merecimentos e defeitos. Noronha, apaixonado por ella quanto cabe em peito de homem, sacrificou á intriga d'esta actriz monastica tudo que mais caro lhe era no mundo. A estima devida á esposa, o respeito paternal, o affecto dos melhores amigos, o porvir dos filhos, socego, interesses, em fim, a propria vida que expoz em muitos lances á vingança do marquez, cujo respeito benemerito soffreu muitos desfalques de encontro á coragem intrepida de Noronha... Era elle, porém, o possessor unico da ternura de Gamarra. O marquez traçou perdê-lo. Duas vezes projectou matá-lo. Estava eu com Noronha, uma noite, quando o aggrederam: felizmente repulsamos os assassinos. A final, o marquez, authorisado pelo rei, logrou encarcerar Noronha no Limoeiro, onde esteve nove mezes; e com muita difficuldade obteve soltura depois da morte do marquez. Fr. Gaspar, tio d'aquelle senhor, e valido do rei, fêz quanto pôde por demorar tão injusta prisão, vingando d'est'arte os manes do marquez, seu sobrinho.» (*Obra cit.*, pag. 34 e 35).

O mordomo-mór estava na idade critica dos cincoenta em que as paixões atabafam o coração como aos dezesete. Os velhos, quando amam, teem a sensibilidade das meninas que principiam a amar. Se não se percatam e escudam com o arnez da paciencia e da dignidade das cãs, *maus bichos os comem*, como disse o Sá de Miranda.

Maus bichos começaram a desfazer o corpo, que tão regaladamente vivêra, d'aquelle D. Martinho de Mascarenhas, terceiro marquez de Gouvêa, sexto conde de Santa Cruz, assassinado pela perfida actriz de Santa Monica no dia 9 de março de 1723.

O derradeiro golpe recebera-o com a noticia de que ella havia dado a Valentim de Noronha o retrato que lhe elle dera engastado em moldura de brilhantes... *Il me fit voir* (diz o amigo de Noronha) *entre ses propres mains ce même portrait du marquis, le même jour qu'il en avail fait présent à son infidele Gamarra*.

Se era formosa? Responde o cavalheiro que diz tel-a conhecido a preceito, *mieux que personne*:

«Era com certeza a mais formosa actriz que vi no theatro de Lisboa: era moça, azevieira, travessa, vivissima, espirituosissima, feiticeira em todos os seus requiebros. Tinha

um só defeito: era ser tredda. Atraíçoaava igualmente o marido e o amante. Por um tinha aversão, por outro sómente estima. Se amou rasgadamente alguém, foi Noronha.» (*Obra cit.*, pag. 35).

Assim que o finado marquez a dispensou do capricho do habito, quiz sahir do convento, e naturalmente visitar Valentim no Limoeiro. A prelada oppoz-se. Mandou chamar o marido, que ainda não era frade. Communicou-lhe o proposito de se declarar casada e passar-se ao dominio de seu homem, como era de justiça. O marido sondou a profundidade do seu direito e a profundeza do peculio da mulher. Requereu, disputando-a ao patriarcha Santo Agostinho. Sahiu-lhe a igreja com embargos á annullação dos votos da freira. A religião permittia que ella os transgredisse com o marquez e com o Valentim; mas que os annullasse para se tornar ao marido, isso era feio. A final, Soror Isabel safou-se do mosteiro, metteu-se em Castella, e voltou a representar com o marido no theatro de Madrid. (*Obra cit.*, pag. 33, nota A).

Quanto a Valentim, não lhe faltou medo que D. João V o mandasse enforçar como fizera áquelle gentil rapaz que ousára disfarçado em carvoeiro visitar-lhe, no convento da Rosa, a cigana Soror Margarida do Monte, a quem o rei mandára vestir o habito. O desgraçado ficou na tradição com o nome de *carvoeiro da Rosa*. Ao proposito d'esta perigosa cigana, escreve o tantas vezes citado cavalheiro de Oliveira:

«Vi o proprio monarcha arrastar duros grilhões, e longo tempo captivo da astucia ou do magismo de Margarida do Monte. Quantas desordens, quantos desterros e mortes causados por intrigas d'aquella mulher! Morreu enclausurada no mosteiro da Rosa, como freira da ordem de S. Domingos. Este pai, que lhe foi imposto á força, não lhe incutiui mais juizo. Induziu ella um galã a visital-a na cella. Fez-lhe a vontade o desgraçado; foi preso lá dentro, e pouco depois enforcado.» (*Obra cit.*, pag. 66).

O encarregado da prisão foi o desembargador Marques Bacalhau, homem de cruas entranhas, chamado sempre a funcionar nos dramas que terminaram pela catastrophe da forca.

Correram então em Lisboa umas insipidas quadras de queixume de Margarida do Monte contra o desembargador aguazil do *carvoeiro*. Diziam assim:

*Oh! descahido te vejã
Estes olhos peccadores:
Arrastado e perseguido
Jã que perco os meus amores.*

*Todas nós, as freiras juntas
Te havemos de praguejar
Pois por caber com el-rei
Nos vaes desacreditar!*

*Justiça de Deus te cáia,
E com todo o seu poder;
Na bocca de um bacamarte
Te vejamos padecer.*

*Homem, deixa-nos viver,
Nã sejas tão turbulento;
Deixa divertir as tristes
Que não sahem do convento.*

Etc.

Um amigo, que me ouviu lêr estas noticias do theatro do seculo XVIII, perguntou-me se eu as bebi nos livros do snr. Theophilo Braga.

—Que livros?

—A *Historia do theatro portuguez*, onde elle conta pouco

mais ou menos essa historia. A paginas 8 do 3.^o tomo diz elle o que vossé diz do actor hespanhol Antonio Ruiz.

Possuo com singular curiosidade os livros originaes d'aquelle sabio. Abri a obra citada e li. Effectivamente copiei o doutor Theophilo, como o leitor vai observar. Em expiação da minha fragilidade, confesso a culpa, confrontando o original e o plagiato.

ELLE

EU

(EM 1871)

(EM 1866)

Antonio Rodrigues hespanhol sustentou-se com felicidade muitos annos no theatro de Lisboa. Era bonissimo poeta, philosopho, historiador e palaciano. Era homem de bem tanto ás direitas como actor de merito. Do seu porte honrado redundou-lhe uma pensão annual de cento e vinte moedas de ouro que lhe dava o rei. Querido das mulheres, estimado da nobreza, e relacionado com muitos prelados do reino, até do povo se fez idolatrar.

Antonio Rodrigues, hespanhol, sustentou-se com felicidade muitos annos no theatro de Lisboa. Era bonissimo poeta, philosopho, historiador e palaciano. Era tão homem de bem quanto actor de merecimento. Do seu proceder honrado resultou-lhe uma pensão annual de cento e vinte moedas de ouro que lhe dava o rei. Querido das mulheres, estimado da nobreza, e relacionado com muitos prelados do reino, até do povo se fez idolatrar.

HIST. DO THEATRO PORT.

O JUDEU (romance).

Quem, primeiro que elle e eu, dissera isto em francez foi Francisco Xavier de Oliveira, em um livro que provavelmente o snr. Theophilo nunca viu; mas adivinhou-o, e eu copiei d'elle. Porém, no acto da copia, deslizei da versão do professor de litteratura em tres pontos. 1.^o Elle escreveu em 1871: *Era homem de bem tanto ás direitas como auctor de merito*; e eu escrevi em 1866: *Era tão homem de bem quanto author de merecimento*. E o cavalheiro de Oliveira tinha escripto: *Il étoit aussi homme de bien qu'il étoit Acteur de mérite*. O *tanto ás direitas* do snr. Theophilo é uma perola de estylo de que eu não quiz defraudal-o nem *ás tortas*. 2.^o ponto: Elle disse: *do seu porte honrado*. E eu, gafando a phrase de francezia, puz *proceder* em lugar de *porte*. Foi ignorancia que me pesa como *porte* ou carroto; mas ainda me fica *porte* ou capacidade para mais toneladas de materia bruta com que me quero dar *porte* ou importancia. 3.^o ponto da minha divergencia, quando em 1866 eu copiava o que o doutor escrevia em 1871: Elle pôz *redundou-lhe*, e eu *resultou-lhe*. Do feitio que elle escreveu a idéa fica mais aceada. Na nova edição do *Judeu* hei de apanhar-lhe o *redundou-lhe* que é bom.

No entanto, posto que eu plagiasse este erudito, não sei por que artes lhe armei a sancadilha de chamar Antonio *Rodrigues* ao actor hespanhol que nunca foi *Rodrigues*; mas sim *Ruiz*. Faz-se mister sestro de muito mentir para enganar um homem, de quem se copia o engano cinco annos depois! Parece enguição! O cavalheiro de Oliveira escreveu *Ruiz*. Cuidei que era abreviatura de *Rodrigues*, e lá vai a peta de recochête lograr o doutor que m'a encampou cinco annos antes, a mim, seu copista! Quem me desenganou foi o poeta jocoso Thomaz Pinto Brandão; e contarei ao leitor como e quando, se é que lhe não vou contar o que v. exc.^a já sabe do doutor Theophilo.

Ahi por 1730 chegou a Lisboa a companhia hespanhola, que se hospedou em casa de um clerigo seu patricio chamado D. Hieronimo Cancer. Ao assumpto d'esta hospedagem de raparigas em casa do padre fez Brandão as seguintes decimas:

*Victor! já chegou a gente
de Madrid, tão esperada,
e já foi agasalhada
do seu superintendente.
Este padre impertinente
se intitula em Portugal
Dom Hieronimo de tal,
e Cancer tambem seria,
pois á sua enfermaria*

*puxa as damas do hospital.
Porém, viva o tal padrinho!
só a taes afilhadas chega;
que á Undarro, e á gallega
abençôa o seu carinho.
E baptisa de caminho
com fé pia e fervorosa
a dama em flôr magestosa,
confirmada no primor;
porém, se a Undarro é flôr
tombem a gallega é Rosa.*

.....
.....

*Com que já por uma vez,
temos boa companhia,
graças ao nosso Atouguia
que tal companhia fez,
Em fim, já chegou Garcez,¹
galan de primeira classe,
que eu não cuidei que chegasse;
e já muita gente diz
que morreu Antonio Ruiz;
mas requiescat in pace.*

Amen.

Digo o mesmo, respectivamente ao sabio que desbalisei do seu trabalho de traductor de um livro que nunca viu. E agora vem de molde penitenciar-me d'um insolente repto que escrevi ha dous annos por occasião de recommendar certo livro escripto portuguezmente:

.....

«Admiro como elle (o author) se manteve austeramente portuguez em meio dos sycambros litteratiços que, áquelle tempo, coaxavam por esses paues! Parece-me que já então por alli era (em Coimbra) contagiosa a sarna letrada do insigne rhapsodista, snr. Theophilo. Este sujeito traduzia as suas cousas originaes em vasconço azado para nos capacitarmos da sua ignorancia dos idiomas neo-latinos. Vislumbrava-se d'aquillo muito lidar com linguas teutonicas; uma construcção que cheirava ao grego, mas fallava mouro. O seu forragear no francez era um justo despique dos latrocínios que elles cá nos fizeram em 1808. Se os não citava, tambem elles lá não disseram cujas eram as patenas e os calices de ouro que nos arrebanharam nas igrejas. Retaliação justa.

«Ainda assim, as rhapsodias d'este philosopho, derrancadas pelo estylo, não tinham cunho d'author escoreito. O polygrapho, chamado ha pouco a ensinar a mocidade, sustenta creditos de original, affirmados e cimentados na singularidade bordalenga com que transpõe idéas peregrinamente formosas para as suas locuções de chouto, coxas, esparavonadas, pragaes infindos, florilegios de absurdos, listrados d'algumas raras clareiras de siso commum, apanhadas de outiva, mas desordenadas no vascolear d'aquelle craneo legendario onde o enxofre sobrepuja o phosphoro.

«O homem, um dia, traduziu Balzac. Dizia elle que ia traduzir novellas para que o publico soubesse onde os romancistas portuguezes ceifavam, a furto, as suas messes. Era contra mim que o doutor desempolgava a flecha. Ai do Balzac, se o avaliaram na injuriosa versão do meu malsim!

«Eu tinha então oitenta volumes com o meu nome, oitenta provocações atiradas á cara juvenil do prodigio. Lá lh'as deixo estampadas. E prometto lembrar-lh'as.

«Não me ha de ser acoimada como desvanecimento a presumpção de que umas negaças litterarias, que vou tregeitando a este vidente vêsgo, hão de viver tanto como os seus apocalypses, em que a besta é muito mais intelligente e manhosa que a de S. João Evangelista. Eu, por mim, desejo

que, lá ao diante, se saiba quo morri na desconfiança de que o snr. Theophilo Braga era um malabar de feira saloia enfatuado com os applausos do gentio lôrpa.»

Desdigo-me de tudo que ahi fica para minha eterna viltá. Logo que fui apanhado a copiar do snr. Joaquim Theophilo Fernandes Braga, julgo-me capaz de copiar de toda a gente.

*
* * *

Agora, direi da Zamperini.

Cantou no theatro dá rua dos Condes ha 104 annos. É a terceira das forasteiras que mais ouro mineraram em Portugal e mais authenticos documentos levaram da sensibilidade do peito lusitano.

Para o theatro lyrico da rua dos Condes fintaram-se os argentarios em quatrocentos mil cruzados; e no anno seguinte, já não havia dinheiro para pagar ao tenor Schiattini. Adoptaram então os empregarios um systema que não é hoje bastantemente seguido: como o tenor instasse pela mensalidade, metteram-o na casa dos doudos; mas, em noite de espectáculo, concediam-lhe a lucidez necessaria para cantar de graça. Iam então dous quadrilheiros trazê-lo da enfermaria dos orates em direitura ao camarim. O tenor vestia-se, e era escoltado até ao palco. Ahi, desatava o canto, compondo de sua lavra a letra, que era um desafogo de injurias rimadas aos empregarios. O povo trovejava gargalhadas, e o improvisador, aquecido pelos applausos, sarjava a epiderme d'aquelles originaes patifes que, no fim da opera, o devolviam ao seu cubiculo no hospital de S. José.

Assim andou baldeado entre o palco e a enfermaria, até que D. José I, condoido do artista, o admittiu á sua real capella. Aos biltres illustres que capitularam de sandeu o tenor, não irrogou censura o rei nem o grande ministro: porque entre elles estava o conde de Oeiras, filho do marquez de Pombal, e um dos varios amadores da cantarina.

Não foi, porém, o primogenito do marquez a mais generosa victima no holocausto de Zamperini. O sagacissimo pai espiára-o até dar-se a crise da logreira dama se manter a expensas d'elle, sem o concurso dos capitalistas. Chegado o momento, Zamperini foi expulsa do paiz, por ordem do ministro.

Em 1772 espalharam-se em Lisboa alguns exemplares de uma reles gravura, figurando a camara de Zamperini. Está a cantora sentada ao pé de uma banca; e, ao lado, estas duas linhas com feitio de versos:

Prenez, belle et charmante coquette, prenes tout,
puis que vous êtes dans un país de fous.

Defronte d'ella está Anselmo José Braancamp, dando-lhe 1:000 peças, que ella recolhe com a mão direita, em quanto o monteiro-mór, ajoelhado, lhe beija a mão esquerda. Da bocca d'este sujeito partem duas linhas em inglez:

The true property of an englishman
T'is to pay and despise.....²

E mais abaixo:

Mylord, dont kiss her hand,
Because she has no face,
But kiss her... her... her...
Kiss her elsewhere³

Á direita, está Ignacio Pedro Quintella com a bolsa aberta, mas, ao que figura, ainda não resolvido a esvazial-a. Correspondem-lhe estes versos:

A quoi pensez, Monsieur? elle encore ne vous aime;
allons, prenez l'exemple, et vous serez de même.

À esquerda, Antonio Soares de Mendonça mette a bolsa na algibeira, e dá visos de safar-se, com estes versos:

Lasciate agli altri, amico, la campagna,
questa sol con quatrini si guadagna.

A um canto, está o padre Manoel de Macedo repelindo à sua celebrada ode á cantora, e João da Silva Tello recita-lhe esta quadra:

*Macedo, não te cances,
Pois os gostos são diversos;
Zamperini estima o ouro,
E nada entende de versos.*

E assim termina a relamboria semsaboria.

Os casos relativos a esta cantora são vulgares e muito sabidos da ampla nota de Verdier *Hyssope*. Os netos dos sujeitos que a opulentaram, hoje em dia, são pessoas de muito juízo, de medianas posses, e sorveteiras glaciaes em ternuras de camarins.

¹ O snr. Theophilo a pag. 151 e 152 do tom. 3.^o do seu *Theatro portuguez* desmente o Pinto Brandão, dizendo que o *Garcez não veio*. O doutor, 141 annos depois, estava mais em dia que o poeta, redactor diario dos factos que vai poetisando a seu modo. Theophilo é unico!

² O que bem caracteriza o inglês é pagar bizarramente e... andar.

³ Mylord, talvez vos desse maior jubilo, em vez de beijar-lhe a mão, etc.

ENTRADA PARA OS SALÕES

Eu não contava com a gloria e o contentamento de estampar nas *Noites de insomnia* o livro completo de physiologia social, intitulado—OS SALÕES.

Cuidei que o pensador severo e estylista primoroso me daria como brinde tão sómente alguns fragmentos, radiados da idéa geral da obra.

Agora sei que todo o livro será meu, será d'estes opusculos que tão benigna e agradadamente são recebidos e indulgenciados pela bemquerença de 1:000 subscriptores.

E, pois que a publicação dos SALÕES principiou aqui desacompanhada da introducção indispensavel ao complexo dos capitulos, forçoso é que se interponha o soberbo peristylo por onde o leitor mais de grado irá ao entendimento dos trechos que já leu e dos outros que advierem.

Este livro dos SALÕES será a porção mais para durar e sobreviver ás futilidades das *Noites de insomnia*. O visconde de Ouguella, ainda em annos florentes e vigorosos, póde dizer com o velho e experimentado Rousseau: *Je sens mon coeur et je connais les hommes*. O seu livro esplende os lampejos sinistros do espirito por onde passaram as duvidas e pungentes ironias de Proudhon—aquelle vidente que Deus mandou apregoar a prophecia da destruição debaixo dos muros da segunda Jerusalem derruida.

A Justiça, a inspiradora do livro que se intitulou graciosamente OS SALÕES, apparece-nos ahi sem a venda gentilica, vê pelos olhos da historia—a Fatalidade inflexa—; e emerge á flôr d'estes parceis, que nos atormentam, as evoluções da Providencia.

Não estamos afeitos a taes livros com assignalado sinete

portuguez. O melhor romance entre nós é um esparecimento, e o melhor poema uma balbuciação em linguagem nova.

A Poesia ha de vir a ser apostolo, e a trajar insignias circumspectas de Justiça, quando os bons espiritos como Guerra Junqueiro e Guilherme de Azevedo a não descompozerem com a nudeza das tragedias, e as diatribes em que o sarcasmo não suppre o ensinamento affectivo. A «alma nova» não se compadece com uns corações que nasceram velhos.

Livros para este tempo faz-se mister que venham saturados das lições do passado, e se ajustem a entendimentos rudimentares. Aos espiritos cultos pouco ha que ensinar, logo que esses nos admoestam superciliosamente que moralisemos as *massas*. Mas sejamos todos *massas* em quanto o povo—a arraia das hortas e das galerias parlamentares—desconfiar que lhe desce do alto o exemplo que a dissolve e acanalha.

O livro do snr. visconde de Ouguella será a historia ideada um pouco á feição do estylo e maneira de Lamennais quando a referia em *palavras de crente*, e quando as turbas criam e estremeciam ao relampejar do Sinay. Isso passou lá fóra, e estou em crêr que nunca se acclimou aqui. Se alguma hora o fervor politico levantou cachão na consciencia publica, a infamia assignalava as esplosões de civismo com o sangue de Agostinho José Freire. Relampagos de Sinay entre nós são os que flammejam das casernas e reverberam nos gladios dos Quichotes que constituem os reis seus Pansas.

E, como eu me sinta impellido a grandes forragens historicas em terras da Mancha e Barataria, recolho-me ao vestibulo dos SALÕES, e peço ao visconde de Ouguella que nos relate como foi que um providencial acerto lhe deparou o manuscripto do desembargador.

OS SALÕES

INTRODUCCÃO

... Elle eut pour lui cette reconnaissance
que la perle doit avoir pour le plongeur,
qui l'a decouverte dans son écaille
grossière sous le ténébreux manteau de
l'océan.

THEOPHILE GAUTIER.

Era um dia esplendido de inverno n'este ignoto canto do occidente. Abri o Almanach da agencia primitiva de annuncios, e a paginas dez encontrei o seguinte:

«20 Terça. S. Sebastião, martyr. Festa na sua freguezia, e na igreja do hospital de S. José.»

Perdoem-me os devotos. Nenhuma d'estas festividades me impressionou o espirito.

Resolvi ir á feira da Ladra.

Ás terças feiras, assemelha-se o campo de Sant'Anna a um bazar africano, na selvagem e cynica disposição dos objectos que constituem o mercado.

Estas tristes e lugubres origens berberes demonstram-se sempre, e a cada passo. As magnificencias orientaes, em todo o

esplendor e opulencia das inacreditaveis e sublimes raridades da Asia, nos seus soberbos e sumptuosos caravanseraes, não existem aqui. Lêem-se nos livros, aprendem-se nas *Mil e uma noites*, adivinham-se nas chronicas dos nossos navegadores, estudam-se nos espolios atrozmente mutilados das casas antiquissimas e esplendorosas dos vice-reis da India. Hoje são um mytho. Para nós—pobre povo—empurrado para as vagas espumosas do oceano, pelas civilizações que se apossaram da Europa, e que nos varrem sem piedade nem dôr para a Africa carthagineza, como se nós formos os numidas das lendas romanas ou os ferozes kabylas das raizes do Atlas.

E o que somos nós? Deus o sabe.

Somos um povo essencialmente temente a Deus, essencialmente catholico, devotado á virgem de Lourdes e á Senhora de la Salette, essencialmente constitucional, e essencialmente ignorante n'estas lutas, que despedaçam thronos e proclamam republicas.

«Tudo quanto Deus faz é por melhor», assevera esta familia lusitana, n'um proloquio de origem celtica, que tem todo o fatalismo e sabor das raças e linguas orientaes.

As lutas do catholicismo e do crescente mourisco crearam uma epopéa grandiosa, que se traduz n'este eclectismo philosophico e religioso, que afoga, em vastas dissertações aristotélicas, e em tristissimas lutas das escólas de Alexandria, estas simples e ingenuas verdades christãs. A *graça*, evangelisada pelos doutores da igreja, é, talvez, efficaz para apagar estes torneios nas consciencias, e remir peccados de reminiscencias tão pagãs.

E assim vamos vivendo. A phrase é chata e villã. Mas está officialmente reconhecida e estampada nos muito veridicos e piedosos discursos da corôa, tal qual resa e commemora o agiologio parlamentar.

Houve um dia, antes das ordenanças de Carlos X, em que um jornal francez, tão lido que aterrava o throno, terminava o seu principal artigo—esculpido hoje nos bronzes da historia—com esta phrase singela e prophetica: *Pobre França, pobre rei!*...

Se eu dissera aqui: *pobre Portugal!*—Não digo.

Entre na feira da Ladra.

Na entrada do campo, a um dos angulos, em face do convento de Sant'Anna, levanta-se a praça dos Touros. Edificações mais ou menos elegantes, mais ou menos sumptuosas, enfileiram-se, em linha recta, por uma das faces.

Ao fundo está gizado um microscopico jardim que, na louca ambição da sua tristissima Flora, cingindo-se no cinto fanado de um empoeiradissimo buxo, caberia á vontade na mais limitada sala de qualquer nababo das possessões indo-britannicas.

Pelo meio do campo, em deploravel estendal, havia pannos, pranchas de pinho e taboleiros ignobeis, onde jaziam, na mais intima convivencia, os residuos, o lixo e os detritos da geração presente e das que passaram.

Acudiu-me aqui a musa do poeta florentino:

«Lasciate ogni speranza, voi che entrate.»

Achava-me em presença do inventario de uma capital.

Examinei:

Um pires secular de Sèvres, voluptuosamente contornado nas fôrmas elegantes do reinado de Luiz XV, escondia-se na penumbra d'uma terrina de faiança, que fôra a ultima aspiração da fabrica de Sacavem. Havia um sacrificio a Diana, em biscuit de Saxe, tombado sobre a espora de prateleira, que fôra triste legado do ultimo marquez de Marialva. Mais longe,

espreguiçava-se com a boçal ironia de *parvenu*, um saleiro da modesta porcelana da Vista-Alegre, sobre os fragmentos de um vaso etrusco, humilhado e melancólico nas mutilações e concertos com que o expunham á irrisão publica. Um espelho de crystal de Veneza, onde os amores brincavam com frechas e carcazes, coloridos sobre o vidro, por mãos de fadas, entre um rosal de perfeito esmalte, n'um berço de verdura e de papoulas, encaixilhado em ebano, aberto a buril, nos cantos, em prata dourada, repousava sobre uma farda de archeiro, coeva dos devaneios da côrte de D. João V, e reliquia marcial, talvez, dos delirios asceticos do mosteiro de Odivellas. A tampa de um assucareiro do mais antigo Saxe, levantando, em relevo, uma deliciosa grinalda de boninas e amores perfeitos, recordava, na suavidade das fórmas e no primor das folhagens, as creações elegantissimas de Vanloo e Bucher. Um prato esmaltado da mais diaphana e transparente porcelana do Japão equilibrava-se sobre um fructeiro de louça das Caldas, onde se traduzia a ridicula vaidade do oleiro, que quizera rastejar no colorido e nos embautidos cambiantes das côres, e pela opulencia dos debuxos e ornatos, com os preciosos trabalhos ceramicos de Bernardo de Palissy.

Mais adiante, por entre uma selva de martellos partidos, fechaduras quebradas, correntes de ferro em completa oxydação, e chaves e cadeados de varias dimensões, dei com o retrato de el-rei D. José, pintado a óleo, em vestuario de côrte, com o globo de ouro e sceptro cinzelados, no estylo classico das monarchias absolutas. Pendia o quadro sobre um candieiro de latão, pharol de tres lumes, contemporaneo, talvez, da lampada a cuja luz Paschoal José de Mello escrevera o seu livro de direito criminal. Após estes primores archeologicos desenrolava-se uma fileira incommensuravel de botinas, sapatos, babuches, chinelas, tamancos, galochas e alpercatas, que se perdiam n'uma extensa linha, talvez a ultima illusão dos seus possuidores. *Sic transit gloria mundi*, clamavam os escravos, queimando estopa, detraz dos carros dourados dos triumphadores romanos.

Desde o vestuario tragico, que acompanhava em scena os heroes do atheniense Sophocles até ao sóco plebeu da comedia vulgar, onde se expandia o riso de Aristophanes, havia tudo n'este bazar immenso das gerações extinctas. Gigantes e lilliputianos, heroes, semi-deuses e proletarios poderiam calçar-se, afoutos, n'aquelle cháos de todas as civilisações.

Havia a bota de canhão, séria, grave e irreprehensivelmente lustrosa—despojo venerando de algum desembargador da casa da supplicação, de par com a chinela phantastica e imaginosa da cortezã mais desenvolta e elegante. Por entre colchas da India, recamadas de lentejoulas, esmaltadas em mosaicos de fios de ouro, entretecidos em variados matizes, lençoes de Bretanha, finissimos, arrendados em arabescos nas orlas das cabeceiras, columnas de carvalho do norte, abertas a buril, em que pousavam passaros esculpidos sobre pampanos e hastes de videira, no meio de fragmentos de apparatusos biombos de charão escarlate da phantastica China, onde aves e dragões dourados surgiam de vasos idealizados pela imaginosa criação do artista, através de crystaes de Bohemia, partidos e mutilados, enunciando todas as côres do prisma, e de envolta com vassouras de piassaba, modestas e envergonhadas em toda a humildade da sua burguezia, avistei um contador de Boule, moldado em tartaruga, envolto em festões de grinaldas de cobre dourado, no mais correcto estylo Pompadour, e arremedando, na ousadia do desenho e na elegancia e recortes das folhas de metal, as sublimes inspirações de Benvenuto Cellini.

Por detraz d'este contador, que era a joia, o talisman, a maravilha, no seio d'aquelle crapuloso e hediondo bazar, equilibrava-se de cocoras, formando como novello, uma velha octogenaria, que se poderia descrever por uma ruga inteira, que em zig-zag ou em grega lhe cortava as faces, e ia perder-se, em espiral, n'uma garganta, que parecia a pelle abandonada por uma serpente do deserto. Encarei-a a medo, e com um pavor inexcedivel. Pareceu-me dar de rosto com uma

das feiticeiras de Macbeth. Envolvia-se n'um cafran ou burnus —uma especie de farrapo de panno, que lhe cingia o tronco, deixando solta a cabeça, que apparecia envolta n'um lenço asqueroso, injuriado pelo tempo, e que emmoldurava dous olhos negros scintillantes e vivos, n'uma physionomia baça e livida, como um pedaço de cera amollecido entre os dedos.

Dirigi-lhe a palavra em phrases breves. Cheguei a ter receio do despertar d'aquella sphinge. Ouvi, depois, um ruido surdo, como de um movel, que se arrasta, uns sons roucos e gutturaes, na melopéa arabe, uma voz cavernosa, e sahida dos abysmos, como se fôra uma das pythonissas da velha Escocia. Afigurou-se-me que lhe ouvira a saudação feita ao heroe de Shakspeare: Salvè thane de Glamis, e de Candor!

A fascinação, que me produzira o cofre, explica, de certo, estas allucinações e devaneios acusticos.

Enchi-me de animo, e perguntei-lhe de novo: quanto custa este contador?

A velha, a sibylla, a bruxa, o que quer que era, remexeu-se, por entre os farrapos que a cobriam, rumorejou por duas ou tres vezes algumas phrases, que não chegaram aos meus ouvidos. Alguma invocação infernal, algum preito a Satanaz,—e depois accentuou em voz clara e cadenciada as seguintes palavras:

—Dê-me dez libras, e leva-o de graça.

—E a chave?

—A chave não a tenho. Perdeu-se. Ha papeis dentro. Bem sei que os ha. São comedias, entremezes ou seja lá o que fôr. Doudices do dono. O desembargador João Aleixo de Castro Pimentel e Figueiredo escrevia muito nos ultimos annos da sua vida.

—Conheceu-o?

A velha sorriu-se.

A ironia d'este sorriso tinha não sei que reflexo dos lampejos do fogo infernal.

—Se o conheci! Fui sua criada. Tinha sido sua escrava. Comprou-me em Tetuão. Morreu-me nos braços, no ultimo de dezembro á meia noite. Eu vendo os moveis para comer.

Entreguei-lhe as dez libras sem regatear cinco reis. Esperava com esta amabilidade que a antiga escrava do desembargador continuasse a sua curta narração.

Mas a velha guardou o dinheiro n'um sacco que lhe pendia do cinto, velou as faces com o farrapo ou capote que a cobria, e ficou muda e silenciosa como um mysterio.

Não me dei ao trabalho de procurar uma chave. Quebrei a fechadura, achei nas gavetas um manuscripto, e encontrei na primeira pagina o seguinte:

AO LEITOR

Vivi bastante para alcançar mais de metade do seculo dezenove. Considerei, examinei, e estudei os acontecimentos, e os homens do meu tempo. Vou debuxal-os e desenhá-os taes quaes os concebi, e taes quaes elles se teem mostrado n'estas rotações constitucionaes de uma época, que não é a minha. Onde bastar o esboço abandonarei a palheta, e usarei do lapis de carvão. Onde o vulto carecer de mais luz, e de mais vasto horizonte deixarei o pincel, e pegarei do cinzel e do escopro. Não tenho pretensões a Phidias, nem a Miguel Angelo, nem a Rubens, nem a Hogarth, nem a Van-Dick, nem a Aretino, nem a Delacroix. Faltam-me os traços de Zubarran, as linhas de Corregio, as tintas de Ticiano, os perfis de Murillo e o riso sardonico de Gavarni. Com tudo, as sombras d'estes nossos Mirabeaus, Talleyrands, Barnaves, Berriers, Collards,

Cavaignacs, Favres e Marats hei de pôl-as de pé, hei de vestilas, hei de enroupal-as, nas vestiduras do nosso seculo, e hei de com ellas e só com ellas povoar

OS SALÕES

Segue-se o livro.

Vou publical-o.

VISCONDE DE OUGUELLA.

ECCE ITERUM «SILVA» CRÍSPINUS

Escreve elle no n.º 69 da *Actualidade*:

«Publicou-se o n.º 17 da *Tribuna*. Insere artigos e versos dos snrs. Ferrer Farol, Guimarães Fonseca, e outros escriptores, e não desmerece dos numeros *ulteriores*.»

Ulterior quer dizer *que vem depois*, ou *que tem data posterior*.

Á vista do quê, o n.º 17 já publicado é posterior ou *ulterior* ao n.º 18. Segundo este systema chronologico de Pinto, o *depois* está primeiro que *antes*, 6 é a continuação de 7, e os filhos nascem primeiro que os seus paes. Se elle quizesse dizer que os n.ºs 18, 19, etc., da *Tribuna* promettiam ser iguaes aos seus precedentes, escreveria: «Tudo nos assegura que os numeros, que hão de sahir anteriormente, serão dignos dos numeros que já sahiram posteriormente.»

Sem impedimento d'estes e d'outros anteriores e ulteriores furunculos de aposthema intellectual, proponho á academia real das sciencias este snr. Silva... para varredor.

SANTOS-SILVA

Bravo! almas generosas do meu brioso Portugal que amparastes a viuva e os sete orphãos do egregio orador!

Bravo! corações que avaliastes o talento do pai e o infortunio dos filhos!

Formoso rastilho de luz foi esse que vos guiou desde a sepultura de Santos-Silva até ao recinto em que uma viuva, entre a saudade e a pobreza, ampliava o regaço para aconchegar do seio aquelles sete rostos banhados das ultimas lagrimas de seu pai.

Entrou, a um tempo, n'aquelle lugar de angustias, a mortalha e o manto da misericordia. Sahia um cadaver, e entrava o anjo da caridade.

João Antonio de Santos-Silva levava espelhadas na retina morta as oito imagens queridas; e a Providencia rodeava de amigos aquelle sagrado grupo de crianças que punham as mãos

—expressão unica das agonias inexprimiveis.

A fatalidade da morte justificava, não menoscabava os designios do Altissimo.

*
* * *

Eu conheci-o pouco: fallei com elle duas vezes; lia-lhe os seus discursos como quem estudava a grande phrase lusitana no mais correcto e energico orador parlamentar.

Tem lanços admiraveis de força e de atticismo as suas orações. Não sei nem entendo o quilate politico dos seus discursos. Estudava-o meditativamente, sem lhe graduar a justiça da aggressão ou da defeza. Os seus adversarios, a julgal-os pelo tamanho do gladio que os feria, pareciam-me grandes, como os de Isocrates e Demosthenes. Se o não eram, o orador magnanimo deu-lhes a honra de o inspirarem.

Tambem eu lhe mereci a consideração de algumas cartas em que me vejo honorificado com o titulo de amigo. Mal pensava eu, quando ha dous annos lhe fallava da irreparavel perda da minha saude, que tão cedo o seu nome iria ajuntar-se aos de tantos amigos mortos, a quem eu dissera o ultimo adeus.

E, quando eu lhe fallava de meus filhos com o coração cheio das presentidas lagrimas de dous orphãos, dizia-me elle que lhes seria protector n'esta vida, se Deus lh'a não tirasse ás suas seis criancinhas.

Como esta carta está revendo as lagrimas e a santidade de pai!...

Porque não hei de eu dar um quinhão d'esta melancolia aos que tem filhos? E uns assomos de jubilo aos que abriram mão redemptora á familia de Santos-Silva?

Esta carta foi datada em 24 de outubro de 1871.

«.....: Vou dar-lhe um conselho. Estudei e exerci a medicina por uma boa duzia de annos. Estudei-a nos outros, com os escrupulos de uma sã consciencia, e como quem tinha a sua missão por um sacerdocio. Tenho-a tambem estudado em mim, porque a isso me obrigam os meus padecimentos. Dos desenganos que colhi na sciencia e na pratica, resulta para mim uma regra que, se não é uma verdade infallivel, é com certeza muito geral. Nada ha mais falso ou pelo menos incerto do que o juizo que o paciente faz do seu estado, pelo que diz respeito ao diagnostico e prognostico da sua molestia. Os proprios medicos são os que, n'este ponto, mais se enganam, por que são os que mais exageram.

«Não creia, pois, nas suas anemias, nem nas suas ethicas; mas não descure restaurar as suas forças, e seguir tenazmente um tratamento hygienico, analeptico e moral, que lhe reconstrua o sangue, lhe regularise qualquer desarranjo de funcção, lhe tranquillise o espirito, ou o levante de qualquer ligeira prostração. Creia tambem na sua idade, e na força medicatriz da natureza, que, quando é bem dirigida e auxiliada por um medico prudente e habil, faz milagres.

«Falla-me o meu amigo de dous filhos seus, e appellou para o coração de um pai que tem seis. Feriu a minha corda sensivel; estremeceu-a com as mais vivas vibrações. Não sei se todos os paes são como eu sou: devem sel-o. De todas as desgraças humanas a que mais confrange a minha alma, e mais me angustia o coração, é a que se desata em lagrimas e em infortunios sobre a orphandade desprotegida e desamparada, a quem Deus esqueceu na hora em que encerrou o livro da vida ao pai que só vivia do santo amor de seus filhos.

«Se Deus me alongar a vida, e seus filhos precisarem de mão valedora que os guie e ajude n'esta escabrosa peregrinação, irmanal-os-hei aos meus. Repartirei com elles o meu prestimo,

se então o tiver. Estas palavras não são só de consolação: são compromissos sollemnes, que espero não desmentir.

«A posteridade nem sempre se esquece de pagar as dividas sagradas de seus antecessores.

«Meu caro amigo, não pense em morrer. Pense no que necessita, e de que Deus, que é justo, o não póde por ora privar. Pense na sua vida, que é a vida de seus filhos.»

Elle morreu; e, na hora derradeira, reconhecia ainda a justiça divina, posto que estivesse lendo nas lagrimas de sua familia e nas agonias proprias que era chegada a morte. Abençoou-a como enviada de Deus, quando sentiu na garganta a constricção da asphyxia.

O halito consolador da Providencia passára, como vaticinio, por aquella alma, quando me escrevia as esperanças realizadas em seus filhos: *A posteridade nem sempre se esquece de pagar as dividas sagradas de seus antecessores.*

Pagou. O monumento do grande orador é o pão da sua viuva e dos seus sete filhos.

DOUDO ILLUSTRE

O arcebispo de Mitylene, D. Domingos José de Sousa Magalhães, doutor em canones, jurisconsulto eminente, orador esclarecido tanto no magisterio universitario como no parlamento, ensandeceu em 1858, quando contava quarenta e nove annos, e acabou de morrer em 1872, em Villa Pouca de Aguiar, na casa onde havia nascido.

Motivou a demencia d'este douto prelado a suspensão das funcções de provisor e vigario geral do patriarchado de Lisboa, dada pelo cardeal D. Guilherme I. A causa da suspensão, pleiteada acerbamente por parte do arcebispo e dos seus contendores, foi um opusculo d'aquelle prelado, que denunciava irregularidades e delictos ecclesiasticos. Teve parte n'esta pugna um dos nossos contemporaneos mais abalisados em jurisprudencia e em variada litteratura, o snr. visconde de Paiva Manso, a favor do arcebispo, e contestando o doutor Cicouro. Pleitearam com energia, por parte do patriarcha, o conego João de Deus Antunes Pinto e o reverendo academico Francisco Recreio, digno dos vigorosos impugnadores.

Como quer que fosse, o arcebispo de Mitylene perdeu na brava luta a razão; e, ao parecer de illustrados juizes da sua justiça, foi a iniquidade que matou o robusto athleta.

Transferido de Lisboa para o amparo de sua familia em Traz-os-montes, a esperança de restaurar-lhe o juizo desvaneceu-a a progressiva condensação da escuridade á volta d'aquelle alma triste, lethargica, absorta na contemplação estúpida das lagrimas dos parentes e amigos.

Do torpor silencioso e abstrahido passou ás manifestações irrequietas do delirio, do sonho, das miragens que lhe tumultuaram, durante quatorze annos, nas suas escuridões interiores.

Escrevia muito; dormia poucas horas; palmilhava em vertiginoso regirar o taboado do recinto, onde se refugiava dos olhares amargurados de sua familia.

Possuo pequena parte dos seus manuscriptos autographos,

com as datas de anno, mez e dia.

Deprehende-se de alguns que o illustre alienado se considerava rei de Portugal, umas vezes; pontifice outras; e não é raro enxertar-se em hierarchias mais elevadas no reinado dos puros espiritos. De envolta com os dislates d'aquelle sonhar incessante, ha, nos escriptos do homem que fôra um dos mais alumiados da sua época, admiraveis lanços de linguagem, de conceito e até de razão. Que espantoso contra-senso! É que tambem nos delirios ha raptos de luminosas visões.

Os seus escriptos são tratados, theses, dissertações cada qual com seu titulo, compostos desde o segundo até ao penultimo anno da demencia. Conhece-se, apalpa-se o espessar progressivo das trevas, a vertigem da desordem, o vasquejar das derradeiras scintillas.

Eis-aqui os titulos: *O gigante—Os privilegios da corôa dynastica—As cinco questões de direito natural, ou o estudo da philosophia de direito na universidade—A missão divina—A chronica real—Da santidade do direito—Cemiterio protestante—A tyrannia impossivel—O mesmo Senhor fez os seus martyres, epistola de S. Paulo aos fieis de Galacia—O impassivel—O erro commum—Os tres fundadores—O cordeiro—A surpresa—O burrinho e o menino dos protestantes—O templo—O penhor e a hypotheca, ou o juro e a herdade—O titulo da realza—O parochio—O demonio tentador—A espada de S. Bruno—O enigma—Mascara de ferro—O sonho—D. Maria Caraça Bonaparte ou a burrinha protestante—O viatico da eternidade—A estrella do norte ou a misericordia dos mares—A vacca—Apologo—A catastrophe.*

Estes manuscriptos comprehendem sessenta cadernos em folha. Em poder da familia do finado arcebispo ainda ha rimas de papel escripto no trajecto de doze annos. Tirando ao acaso um de entre os cadernos cosidos com algodão verde e escarlata —para dar ao leitor a manifestação escripta de uma alma que esvoaça á volta dos residuos ainda bruxuleantes da sua razão —aqui vai a

CATASTROPHE

Affonso, por sobrenome o Sexto, filho do primeiro rei, que usurpou o titulo de duque de Bragança chamado D. João IV, foi deposto de sua primogenitura por seu irmão D. Pedro, e conservado em prisão e exilio de toda a vida. D. Pedro não podia ser mais perverso. As circumstancias atrocissimas d'este inaudito escandalo não estão bem explicadas nem eram bem conhecidas dos contemporaneos. Os mais prudentes do reino, ou porque não souberam, ou porque não puderam averiguar o intrincado drama, deram ao successo o nome de «catastrophe». Os hespanhoes limitaram-se a negar o que era patente e publico; e das verdadeiras causas e do seu fio e enredo occulto, nada explicaram na sua «anti-catastrophe», documento mediano e mal traçado para o fim, e para o grande empenho da causa e da questão; tão inferior e pueril que a desvirtua e degrada apoucando o assumpto para diminuir a impressão, ou para distrahir e desviar a atenção do horror da catastrophe.

Os subsequentes historiadores pouco ou nada tem apurado d'esta vergonhosa historia da usurpação; as suas monographias são como memorias de encommenda que chegam ao seu fim por meios tortuosos para espalhar algum erro ou para afugentar algum receio politico; e do verdadeiro fim da historia não curam nem tratam: porque a prevenção da historia é o erro, e com este rumo ninguem póde navegar nem progredir. Attribuem geralmente os protestantes aquelle sinistro ao partido cardinalicio de Roma, seguindo o seu costume e petulante ousadia de calumniadores, que commetteu o delicto para o assoalhar e publicar por um lado attribuindo-o aos seus

maiores inimigos, em quanto vão por outro lado desfigurando sempre em vão alguma memoria de maior horror, ou alguma imputação mais pronunciada, mais manifesta e visivel, e n'este falso empenho confundem a historia e geram o erro dos seculos; mas a verdade é como a luz mais forte, que penetra através dos maiores obstaculos em toda a parte onde estiver encerrado o homem pela maior tyrannia para alumiar o captivo, e até para esclarecer o cadaver, que geme debaixo da lousa e do epitaphio, que lhe escreveu o maior crime, em quanto não revela o enigma da sua escura sepultura.

A analogia dos factos é o melhor meio de descobrir os mysterios da historia. Para escrever a dos crimes ainda até o presente não achou a boa critica outro fio de mais severa logica, nem documento mais fiel e verdadeiro, nem testemunha mais digna de credito e de authoridade. A Divina Providencia dá causa á catastrophe para punir a atrocidade da injuria; o demonio escreve a anti-catastrophe; mas o effeito subsiste, o facto permanece, o som repercute e sôa em outro ponto e orgão, ás vezes só no echo até á altura, que o Senhor fixa ao bramido para se reproduzir no decurso dos seculos, se um unisono accorda igualmente terrivel e medonho ou funesto e assustador até para o demonio que o gera e produz. Sôa do orgão a tuba, e não é a mão do homem que fere a tecla, nem a musica e pensamento do seu compositor que produz a melodia. Devia o homem vêr no arcano a sciencia divina, que deu ao ar modulado pelo instrumento a euphonica sympathia dos sons e o gentil devaneio do mais accorde accento.

O orgão da historia não é um instrumento de imbecis, e mentecaptos que julgam illudir as turbas attribuindo a causas falsas o effeito verdadeiro da sua maravilhosa impressão: deixai o orgão ao templo catholico; porque só n'elle avulta e brilha; aos viciosos e prostibulos de maior vergonha apenas cabe a profana chula de tabernal comedia, e a ironia da musica. A arpa é instrumento real, a lira só a tange a poesia e a verdadeira inspiração que o Senhor concede ou nega ao cantor pelo moto da trova e pelo pensamento da sua religião e virtude. A historia verdadeira ou falsa, illustrada ou cega e pedinte—eis o dilemma unico da sciencia, e o programma que o escriptor competente sempre encontra diante e dentro do seu pensamento segundo o fim a que se propõe e persuade: a maior parte dos eunuchos só presam o devaneio do canto pelo sustento que recebem e pelo dinheiro que contam para satisfazer as suas abominaveis e depravadas paixões. São homens, que se deixam mutilar sem possuir a falsa virtude de Origenes, nem a verdadeira e santa da nossa catholica virgindade; e como pactuam a sua deshonra não exaltam o tiple do seu desenfado sem sonhar com opiparo e somnolento banquete; e por isso todas as suas lôas acabam em comer.

O estigma d'este falso ministerio da historia recahe sobre todos os homens do mesmo engenho e calibre, que adoptam os seus estados e profissões só pelo benigno e precioso metal que auferem e adoram—e d'estes é sempre o maior numero; o actual enche de eunuchos todos os theatros e d'histriões a comedia d'aldêa, e a sua nobreza de tamanco. Que mais diremos d'este reprobó e amphibio meteoro, senão que jámais deixa de se converter contra o inventor e mais obstinado sectario? o ennucho converte o sexo, e faz-se besta de carga, ou machina de pura digestão, e morre a pedir, ou vai por conta d'estranho herdeiro dispor o cemiterio da familia, que já se sabe é a familia dos eunuchos sempre a mais torpe e immunda, que nem merece a honra do homem proletario.

Queremos dizer, que todos estes hão-de sahir a campo com os vozeirões para aturdir e desmemoriar a maioria dos nossos leitores; este opusculo ha de rir do tremedal e produzir o seu effeito: acanhar os truculentos, e fazer duvidoso o seu ocio e evitar o seu pestifero alento sem ter necessidade de fugir da sua sanha, e sem accelerar o passo do seu domestico e providente animal. Não estranhemos o som do orgão mais vil e desentoadado, que vai ás costas de erradio transfuga deslumbrar o calix da sua melodia a todas as tabernas e lupanares; olhai para o rosto e decifrai os signaes, que vos revelam a historia

com mais fidelidade do que as memórias que deviam retratar os seus pensamentos de historiador, e apenas contém a sombra da sua ignominia e proterva hediondez e peçonha.

Possuir ou não possuir a casa de senhorio de Bragança sempre foi synonymo de ser ou de não ser rei; mas possuir a casa sem possuir o direito é dar pasto á ambição oligarchica e á falsa platêa de comedia; é o mesmo que entregar o supremo poder aos mais vis e ignobeis, ao mais desleal e traiçoeiro corrilho e atroz sequella. Este é o unico partido que póde formar-se e existir em Portugal, em quanto dura e vigora a usurpação; os seus meios os maiores crimes, a sua politica a giria mais desleal e machiavelica, e o perpetuo enredo do engano; o estribilho protestante, o punhal do forasteiro mais atrevido e audaz, e a entrega da patria perdida ao mais ambicioso estrangeiro, e ao maior renegado do demonio. A sua authoridade sempre falsa não impera, pactua em toda a parte com os maiores scelerados, e consegue fins mediocres e resultados de dinheiro sempre ephemeros e fallazes: porque os juizes d'esta tontina roubam-se uns aos outros.

Subiu o primeiro usurpador ao throno, e foi este D. João I: a sua mais negra, e mais atroz usurpação foi a da casa de Bragança, mas primeiramente o rei não póde usurpar, nas provincias nem em Traz-os-Montes, em segundo lugar a usurpação veio toda a pertencer aos caudilhos, que o governaram e dominaram e á sua lei mental e miseravel recurso; que só póde communicar a seu filho com o mais tetrico e deploravel exito, justo e bem merecido castigo do Senhor pela abominavel traição de Coimbra. Por esta fórma D. João não reinava, e o cardeal romano cujo nome o infame usurpador dava ao summo pontifice, tinha o escravo sempre encerrado na sua possilga, que era o peor palacio da casa de Bragança, sempre a sorver quartilhos de vinho tabernal, cuja despeza faziam entre si os falsos possuidores dos bens para não soffrer a furia real, que era indomavel e grotesca. Se estivesse bem abeberado deixava-se vencer, e cahia ao chão, como Grão Lamma, depois de opiado pelo melhor tabaco e café de Moca, e pelos prazeres reunidos do seu abominavel harem.

A lei mental foi uma medida deficientissima para o seu fim, mas prova até que ponto é verdadeiro o principio e evidente em nossa doutrina. O padre santo durante o interdicto de vinte e sete dizia: entregai os bens á casa de Bragança;—disse então a abominavel facção: entregar os bens é o mesmo que entregar a corôa;—e logo faziam um processo com grande numero de testemunhas para provar que não havia successor á corôa, e que D. João I por esta falta de successor fôra justamente acclamado. Escreviam ao mesmo tempo uma Memoria protestante, que atribuiam a João das Regras, e davam ao falso documento o cunho das côrtes de Coimbra, aonde não foi nem podia ser apresentada sem grande irrisão e escarneo de todo o povo. Alli ficava o corpo santo do duque de Bragança para desmentir todas as memórias, mas tal é a audacia de todos os herejes e fementidos, que nega a verdade conhecida, uma vez que possa fundar-se na apparencia do erro. Este João das Regras não existiu; o nome é de um anonymo; o effeito da Memoria foi contraproducente, o povo ria, zombou, irritou-se e condemnou ao desprezo a falsa e torpe oligarchia que usurpava os bens em nome do simulacro da realeza; e sustentava esta figura só para desfrutar o rendimento da casa de Bragança. Todos os histriões do torpe magnetismo das façanhas da estrada orçam pelo mesmo vulto e dimensões; os seus meios são analogos, a sua cobardia proverbial, a sua vangloria o mais vil commento e a mais ambiciosa tyrannia. Em 1811 outros da mesma chita allegavam no Brazil os grandes serviços que fizeram contra os francezes e obtinham os premios de lograr obeliscos devidos ao valente Ajax: alguns d'estes, se viram os francezes, foi para entregar e vender a patria e os penates, os templos e a sua santidade, as mulheres e todo o verniz do rosto vil e infame do idolo das suas abjectas heresias e traições: se algum militar brioso e valente do exercito appareceu no Brazil foi vendido tres vezes, ludibriado, atraído e escarnecido, porque não assignava os mais falsos documentos e os mais caluminosos e torpes enganos que preparavam e reuniam para

a historia de todas as façanhas e proezas do nosso exercito peninsular.

Porque razão não se escreveu ainda este vergonhoso commento da usurpação? porque de todo o modo ha de ser a historia mais catholica dos seculos modernos, e o infame hereje e protestante não póde attribuir ao Senhor a menor virtude nem hão de conceder ao povo a correspondente sombra de galardão. Na época de D. João I o povo venceu as batalhas, o rei gemeu na sua escravidão de toda a vida, os usurpadores conspiraram, escreveram seus anachronismos, e falsa historia, e o principio Divino triumphou, porque a luz da verdade é a luz da Providencia, e não ha obstaculo na força humana, que possa occultar a verdade santa que calou na consciencia do povo como queijo do melhor fermento do cordeiro e do novillo.

A casa de Bragança venceu o que D. Duarte apenas sonhava como possivel, e deixava entregue ao tristissimo evento das successões para se realizar no decurso de muitos seculos: era um engano absoluto; o partido usurpador é como a familia dos flamengos e dos ciganos—prova e reprova todas gerações e partos suppostos como pão e dispõe os seus monarchas pela ultima arma do veneno e do punhal. D. João I por fim da sua vida estava como o condestavel atormentado pelos remorsos; este deixou os bens usurpados aos outros aventureiros, e pediu esmola á porta do convento com bastante industria e sagacidade; aquelle seria morto na mesma possilga em que vivia, se tentasse restituir a corôa; porque a verdadeira estava na cabeça dos ambiciosos ministros da sua historica realaleza.

A lei do remorso é a mais imperiosa que se conhece; ao pé da forca, no banco dos réos, no ultimo transe de vida, ou no meio da mais funesta desventura, chega a subjugar e a dominar, e rompe como o furacão através dos maiores obstaculos, e derriba as torres, e arranca as arvores com a sua tormenta e fracasso. D. João I fez uma confissão, e morreu;—quem estrangulou o monarcha? o processo começado das provas evidentes de testemunhas oculares contra os partidarios de Bragança. Quem são estes em vista do opusculo do anonymo João das Regras? Já ia o algoz para descarregar o ferro do cutelo sobre alguns infelizes, que choravam os males da patria, quando chegou novo interdicto de Roma expedido em virtude de uma queixa e de uma prevenção que o rei já se via obrigado a dirigir ao cardinalicio de Roma; onde dizia, que a sua consciencia vergava debaixo do peso de invenciveis remorsos, mas que não podia entregar á casa de Bragança uma corôa sem entregar a vida aos seus tyrannos e crueis usurpadores, e algozes, e d'estes tirava o seu seguro e pedia desaggravo e redempção.

D. Duarte viu-se brevemente no mesmo apuro; a lei mental era uma ficção e um engano; este documento prova que os usurpadores da casa de Bragança não contam com successor, e que são muito sujeitos á maldição da esterilidade. O que D. Duarte pedia para os falsos donatarios, e verdadeiros usurpadores veio para a familia real em pena de aleive e da calomnia do falso e fementido João das Regras: quasi todas as successões são actualmente da casa de Bragança por bom e legitimo direito de familia; mas a tyrannia e o roubo é o mesmo —o seu castigo providencial vai sendo identico da mesma catastrophe e represalia.

Esta é a analogia dos factos: os que escrevem a historia não pintam a sua verdade porque não são dignos de praticar as suas gentilezas nem tem a virtude necessaria para desmerecer a hipocrisia do embuste, nem o horror das suas traições, nem o abominio e esconjuro da sua aleivosa mordacidade e peçonha. Camões commandou um reducto no cerco memoravel de Diu, Barros e Couto foram dos mais valentes soldados da Asia; e o nobre Cesar das suas façanhas o animo real do senhor D. Affonso d'Albuquerque temia mais a calumnia da historia do que o feroz basilisco do turco, que tomava pela frente como crocodilo do Egypto, sem tombar ao impeto e sem estremecer do vulcão.

Chegado a este ponto, já entregava a descripção ou a lenda

d'esta memoravel catastrophe ao mais innocente mancebo e ao mais simples academico, uma vez que fosse dotado de boa fé e acreditasse na Divina Providencia, e dêsse a esta philosophia o peso que os herejes attribuem ao dinheiro de todos os seus commettimentos e unicos recursos. Em regra, moeda vale tudo pelo peso, e pouco ou nada pelo cunho, e pelo signal da sua boa fé; o hereje só admittre da fé e do cunho o maior desprezo para fazer seu o proveito, e para continuar o lucro da sua torpe veniaga.

D. João IV tambem usurpou a casa de Bragança e o nobre titulo de duque; todos sabem com que falsidade e com que atroz engano e mais que feroz e brutal ardil: teve da heresia o mesmo fim e o mesmo tragico feretro: os dous primeiros usurpadores do mesmo nome escalararam os seus thronos pelos mesmos meios e falsos degraus, no fim a mesma ruina, na vida a excommunhão e o interdicto, na morte a corda e a traição, o mesmo desenlace, e a mesma reprovação e condemnação divina. O conde da Ericeira escreveu n'esta era a sua vergonhosa historia; o conde era verdadeiro sandeu; o author de «Portugal Restaurado» recebeu a falsa herança de uma casa; e trabalhoso no appetite fazendo do conde o fundo da sua ambição pelo veneno que propinava, e pela astucia mais que diabolica de que se servia no empenho. Apenas concluiu o seu trabalho, disse: Dai-me o premio;—e apenas se viu senhor do falso titulo e casa, disse: Dai-me o preço da obra;—e fez d'esta outra historia um thesouro para se enriquecer e empavesar de fidalgo: este era o verdadeiro João das Regras; porque a sua original possilga nunca se descobriu nem annunciou, e dizia-se que tinha nascido aquelle oraculo da historia ao pé da feira da Ladra de uma mulher, que vendia a chanfana do açougue pelas portas de Lisboa, e que apregoava pelas ruas maior engano.

Dizia alguém que o grande erro de D. João IV fôra o acclamar-se duque de Bragança: mas que faria o usurpador depois de matar como matou á traição em Lisboa o legitimo successor de Bragança e do throno? quem havia de sustentar a sua tyrannia, quem ousaria contemplar em frente sem desmaiar e sem horror o monstro de tantas vidas, que bebia o sangue humano, e se recreava com o vil officio de algoz e de executor da nobreza? D. João I principiou a considerar como proprios da corôa todos os bens da casa real de Bragança; D. João dispunha como duque e como senhor de todos os bens para imitar ou produzir a realleza e invicta memoria do senhor D. Manoel I. Esta questão tinha sido tratada e muito debatida na primeira época; todos se acostumaram a considerar a usurpação da casa e dos seus bens como prova heretica de infrene e perversa oligarchia, e D. João professou o erro em Inglaterra, e tinha no seu palacio um ministro de Calvino semelhante ao que foi expulso das Necessidades em nossos dias pelo clamor do povo e pela justa queixa da parte sensata e catholica do reino. Todos os herejes são monarchomacos, o seu rei é de taberna, o seu preito o juramento da loja que o falso rei presta ao veneravel, e se o rei tem o falso cargo jura como rei ao immediato sujeição e obediencia ás decisões maçonicas, e como são muitas as lojas, a cada passo se vê partida ou fraccionada a realleza, ou despedaçada a sua monarchia pelas seitas mais fortes ou mais ousadas, que empolgam o vislumbre do poder.

Entre nós só tem havido um partido legitimo que é o catholico e brigantino de todas as eras; só um partido usurpador e constante, que é o dos bens da casa que desfruta pela via directa e occupa pelo mais feroz engano. As seitas e os corrilhos, que se formam das fezes de todos os partidos estrangeiros e execraveis contam como elemento uma vez que o lisonjeie e afoute para maior roubo e façanha da contribuição e da injuria que se haja da fazer á casa da Bragança, e com estas promessas todas sobem, e todos descem, se as frustram ou illudem. Este facto é o que nos resta a provar para complemento da catastrophe e para sua prova real e exuberante.

Quando D. Affonso VI se sentia desprezado por todos os portuguezes recorreu aos estrangeiros, e sabe-se, que trazia

comsigo alguns valentões, que o defendiam e faziam respeitar em Lisboa, e não podia ser esta força angariada contra o povo, mas antes devemos acreditar, que o rei se fazia forte contra o partido dos usurpadores da casa da Bragança a cuja frente estava a rainha viuva; e por isso teve a regente tanta difficuldade em conceder as reedeas do governo ao presumido successor. Este conflicto nasceu e cresceu da mesma antiga causa de todas as discordias da usurpação, e pelo motivo da injuria que tinham feito á casa de Bragança e ao seu popular e heroico senhorio. D'esta vez o governo pontificio ainda não estava resolvido a ceder; não faria a menor concessão de reconhecimento sem a absoluta e total entrega dos bens de Bragança ou dos bens da corôa, e D. Affonso estava resolvido a todos os sacrificios, uma vez que achasse uma collocação em Roma e um modo de viver ou uma absolvição vantajosa para o seu arrumo e fim. Esta deve ser a ambição do usurpador que nasce; o seu throno não offerece encantos, nem pôde servir de balisa para a gloria verdadeira e santa que se embebe na felicidade do povo e no heroismo e façanha.

N'este estado, privado do seu natural apoio, D. Affonso VI ainda que fosse tão corajoso e tão absoluto como foi o quinto do nome, devia fugir ou sahir do reino para não soffrer a perda da liberdade; tentou o impossivel, e quebrou pela reconhecida prevaricação e má fé da nova e falsa casa de Bragança, que seu pai organisou em Lisboa como partido protestante para sustentar a negra e atroz usurpação: estes factos são innegaveis. O *Joannes à regulis* da primeira usurpação era um hereje estrangeiro semelhante a um Ditzzi, e talvez ministro da seita: D. João IV tinha na sua côrte um ministro protestante da convenção de Cromwell, e todos os usurpadores dos bens da casa de Bragança deviam ser da mesma seita e falso cunho: D. Affonso VI abraçava a doutrina catholica, e, consoante os bons principios de direito, devia perder o titulo de rei; e, se em vez de casar em França, fosse ao reino ceder da corôa, lisonjearia o reino catholico, e podia obter a liberdade, que outro Affonso achou no mesmo reino. D. Affonso conservou a corôa e por esta razão o povo portuguez não podia ingerir-se na questão para defender o preso; D. Pedro, seu irmão, era nimiamente cruel, mas não temia o partido de seu irmão, porque não o tinha: D. Pedro tambem não tinha o partido da nação, e por isso affectava grande humanidade para com seu irmão, e grande respeito pelas côrtes, que sempre o repelliram e despeitaram amargamente.

D. Pedro, depois do celebre processo que fez ao irmão para o privar de todos os seus estados até o dar por demente e por impotente, aceitou a mesma mulher, a celebre Saboya, e como esta tinha o tratamento de rainha, D. Pedro julgou que o mesmo throno o fazia successor do titulo de rei; e parecia logico que a deposição perpetua de Affonso o investisse na authoridade real, e o coroasse rei em vez de regente; o titulo de principe não lhe podia competir, nem o de infante, que pouco tempo depois começaram a usar por inaudita usurpação e roubo, e pelo mais atroz anachronismo os filhos segundos d'esta familia de D. João IV.

Dizem geralmente as suas historias que sendo duque de Bragança D. João IV e senhor da casa, instituiu a do infantado a favor de seu filho segundo para prevenir a falta de successor pelo receio da morte do principe, e uma supposição e um embuste indigno, ou um meio de que se servia a atroz calumnia da usurpação dos bens para tirar a D. Affonso VI o que lhe tinha ficado da casa de Bragança e para os dar ao seu predilecto: e por esta razão veio a D. Affonso o desejo de restituir, e occorreu á facção o pensamento de depôr o insensato. Assim manejou a perfida intriga os seus aleives e falsidades e da mesma maneira em todas as eras procura colher e alcançar o seu unico fim que é o roubo pela pertinaz heresia e pelo mais atroz engano e enredo.

D. Pedro usou immediatamente do titulo de rei, mas o povo sempre lhe negou o tratamento; as nações não cessavam de o responsabilisar pela vida do infeliz e proscripto; e já se julgava que fazia guardar como rei um homem estranho, quando o

deixou sahir de proposito em Cintra e o fez prender e reconhecer pelo povo como verdadeiro D. Affonso VI no meio do tumulto dos seus agentes e confidentes, que fizeram grande alarido d'aquella supposta revolução para declarar novamente como doudo o triste que se deixou cahir no laço. D. Pedro a cada passo reunia as côrtes do reino sempre na esperança de que o reconhecessem rei, mas jámais o conseguiu pela grande desaffeição e justo odio que tinha merecido e grangeado.

A casa do infantado foi uma falsidade d'este partido; mais tarde se assenhorearam da falsidade para tomar posse nas provincias de todos os bens de Bragança e de S. Bruno, e para os desfrutar e gozar por almoxarifes que nomeavam do infante. A casa do infantado mandava para as terras juizes, e assalariava por todo o genero de engano os cobradores da falsa e aleivosa renda, e por esta fórma constituiu as suas instituições e morgados: o povo reagia contra a usurpação, mas o rei e o governo, o infante e os seus almoxarifes conspiravam, e apesar do odio do povo que não podia ser mais justo nem mais bem merecido colhiam e recolhiam do roubo grandes interesses e mortificavam o povo com exacções de cruel engano e tyrannia, que desvirtuavam do seu fim primordial e applicavam para outro de maior escandalo e torpeza.

O nuncio de Roma teve ordem de visitar a D. Affonso VI, que cumpriu, mas jámais foi admittido a vêr o verdadeiro, e por esta razão ficou a figurar por alguns annos como prisioneiro o que já era cadaver; a sua mudança para a ilha é uma chimera, as suas cartas para Hespanha ficam abaixo de toda a critica: D. Affonso VI não era admittido a escrever; o mesmo governo de D. Pedro fingiu ou suppôz as cartas para dar ao preso a laia de hespanhol e não o quiz dar por brigantino; porque d'este partido se temiam muito; e porque o seu fim era desacreditar e dar como vivo e como existente o homem que dormia debaixo da lousa o somno do sepulchro. Com effeito, pouco depois d'esta falsidade, D. Affonso foi dado por morto na ilha para que ninguem o visse nem examinasse, e appareceu D. Pedro em côrtes a pedir o seu tratamento real. As côrtes disseram que tomasse o titulo e o tratamento de seu pai, isto é, que fosse usurpador hereje, e injusto possuidor dos bens de Bragança e de S. Bruno, e com isto se houve por acclamado e por installado na sua falsa e apocrypha realza.

Veio então a questão romana do reconhecimento. A curia cedia em quanto aos bispos, depois de não haver nenhum no reino pelo grande alarido do povo, uma vez que os nomeados tivessem a apresentação real de Bragança. O governo passou pelas forcas caudinas, e deu então o ultimo testemunho e prova de sua torpe e nefanda ambição. O rei ficou de mero facto, e pôde dizer-se que o escravo d'alheias vontades vegetava na mais sordida taberna, ou no ergastulo do seu captiveiro, ou na fetida jaula da mais indomita fera; por que estes reis sempre andaram presos, e a que chamam casa de Bragança de Lisboa governa o seu estado, como o domador ensina e conduz o seu ganha-pão pelo mundo dos seus espectaculos. Havemos de julgar que a familia não é livre, e que desde o seu nascimento cada individuo é obrigado a beber o veneno da maior heresia a torpeza para ficar doudo e bem sujeito á vontade imperiosa ou caprichosa dos seus verdadeiros senhores e tyrannos.

Não admira que estes sejam sempre estrangeiros e revesados de origem ou de má procedencia e de abstrusa memoria; por ahi pretendem alguns que a lingua do paço seja a franceza, outros que seja a ingleza; em tempo pretenderam fallar a italiana, jámais admittiram a portugueza vernacula, nem suscitaram as questões da côrte d'aldêa; nem deram ao povo fiel o ingresso e a influencia, que lhe cabe nas questões do estado para não ouvir verdades amargas, e a sincera queixa de tanta tyrannia e de tão inauditas usurpações e falsidades, e de tão grande subserviencia aos estrangeiros e a todos os inimigos da nossa fé e da nossa gloria e renome.

João das Regras, nome verdadeiro ou supposto, não era mais do que um fermento estrangeiro, as suas doutrinas não se ensinavam, nem corriam entre nós; os seus dogmas proprios da

mais abjecta demagogia podiam apenas applicar-se ao imperio dos Tiberios e dos Caligulas, dos Neros e dos Heliogabalos; as nossas côrtes de Lamego ficavam semelhantes á lei regia d'Augusto e o santo corpo de D. Affonso Henriques seria como os Tusculanos de Cicero e de sua Republica, só para a posteridade; e estaria em algum recondito n'aquelle tempo de D. João I para se revelar e apparecer sómente nos seculos seguintes, e no grandioso, monumental e eterno d'el-rei o snr. D. Manoel. É justo confessar que estas falsidades causam tedio e nojo. D. João IV usava do titulo de Rei e do tratamento de magestade, sem lhe competir e por heresia de infame e vil protestante. Agora dizem os apologistas da mesma seita que Portugal sempre foi protestante; mas não dizem como se retractou a viuva, nem diz como precisou a ignobil memoria de D. João IV de ser absolvida como contrita á hora da morte para ter sepultura de corpo.

Como hereje deu em receber o titulo de magestade á imitação de Cromwel cuja seita seguia: entre os catholicos sempre se entendeu e teve por boa e por firme doutrina, que só o summo pontifice é senhor de conceder o titulo ao mais puro e santo monarcha legitimo. Antigamente se reservava esta rosa d'ouro só para um rei ou imperador que acontecia ser o que confirmava a eleição real, se ainda não tinham o titulo; e jámais o pretenderam nem aceitaram os reis de Hespanha e de Portugal por terem o mais nobre de catholicos e o mais santo e humilde de alteza e como vigarios do Senhor. Na Hespanha não havia herejes nem raças impuras que não estivessem separadas e bem extremadas para não eivar as familias, nem cansar o escandalo de philisteus, e de immundos entre bons catholicos e fieis. Durante a usurpação sempre procuraram os herejes tomar lugar e assento, e á medida que fugia a fé da sua pureza invadiam as raças, e vinha o armenio e o judeu, o cigano e o protestante invadir as rendas e fazer monopolio das reaes para cultivar as massas e para dar pasto á luxuria dos maiores desvrios e ameaças. E seria só pela necessidade de fazer proselytos, e instrumentos de tyrannia? É certo que o imperio de necessidade compelle até os tyrannos, mas o principio de desmoralisação é um systema, que os actuaes herdaram dos seus antecessores, e que estes tinham recebido de outros, e de muitas successões estrangeiras, que o demonio communica a todos da mesma fonte e pensamento do desprezo da santa lei e fé.

Outra sanha d'este abominavel systema foi o impio tratado de Methuen cujos artigos secretos são da infame propaganda protestante que invadiu o reino por consentimento do falso e perfido governo, e se obrigava este com todos os usurpadores dos bens da santa casa de Bragança a seguir o falso preito, e a prestar homenagem secreta ao demonio e ao mais infame ministro de Calvino, que, segundo dizem, era monarchico, assim como Luthero era republico, e sophistico orador de comicios; e já os protestantes se dividiam n'este ponto essencial do governo: mas os seus superiores e chefes sempre estavam accordes no ponto principal da injuria que haviam de fazer ao Senhor verdadeiro e ao seu santo vigario, e no odio á santa casa da Java por causa dos bens e da fé. D. João I fez com Inglaterra o primeiro convenio secreto, mas era só de pirataria e de heresia, cujos vicios já minavamos thronos de Hollanda e da França, da Bretanha e de Londres, como é sabido e se estendia por meio de ramificações secretas por toda a Europa, e bebia as falsas idéas da santa acclamação de D. João I. Esta seita ou partido foi inaugurado pelo mesmo demonio no tempo em que Juliano se fez truão e ridiculo para depôr o papa de sua soberana cadeira e para o entregar, como então se dizia ao mais desvanecido principe que havia de surgir para governar o mando e para resuscitar os immortaes.

Estes abominaveis e impios reformadores do mundo começavam as suas iniciações por um symbolo do demonio, e davam á sua falsa fé o character verdadeiro de diabolica, e alcunhavam de divina, de tyrannica, e protestavam fazer triumphar o inferno, e pelos seus meios da maior astucia progrediam e illudiam sempre até o grau de maior engano, a este como simples mação, áquelle como aprendiz, a outro como

mestre, e aos mais adiantados como convivas do mesmo demonio; e não sabia o menor os maiores segredos dos outros graus, em quanto não obtinha os verdadeiros da maior abominação de seu secreto esconjuro.

Em nossos dias os mesmos fados ostensivos, e a mesma historia secreta revela todos os arcanos, e explica, o que parece inexplicavel, de atroz calumnia, e de sarcastico pensamento. A morte do ambicioso meteóro, que nasce sem o prestigio da duração, e que vem ao mundo para a conquistar dos que só podem communicar a falsa e perfida, morre asphyxiado fóra do seu elemento; porque as claridades da sua existencia não o habilitavam para conviver no espaço dos ares com os astros opacos da sua natureza, e por isso o precipitam mais depressa para que conheça o que é e o que póde valer como energumeno. Alguem julga que o meteóro póde fazer-se cometa, e que o cometa póde vir a ser planeta ou estrella sem que o Senhor o faça; o atroz engano de falsa ascensão precipita mais cedo este rustico presagio. Agora já dão ao timido o nome vil do seu catholico reinado e se lhe põe o nome de *mechas*, ou de *põe mais....*, mais adiante o fazem *José do nabo*, e o compellem a tomar novo Ditzzy, ou a subir os degraus da forca sem levantar o spectaculo do cadafalso: os inimigos são sempre os mesmos e da mesma sorte unidos pela tyrannia do crime e pelo estupor das suas façanhas. Se agora diverge o maior attentado sempre triumpho e atrella ao carro de seu triumpho todos os seus sectarios, e escravos; mal dos que não comprehendem a necessidade de obedecer cegamente ao mais audaz partido e ao homem mais facinoroso. O sophisma é a apparencia da virtude; os que queimam no inferno o incenso podre ao demonio, são despojados da propria pelle, e victimas da nova crueldade dos monstros.

Alguem julgaria que Simão comprava de boa fé a S. Pedro o poder dos milagres: é um engano. O infame só aspirava a enganar o padre santo, se a sua tentação inclinasse a S. Pedro para a torpe venda, o demonio que fallava pela bocca do maldito teria conseguido o seu fim, ria do desventurado e cantava a sua victoria. Por esta razão S. Pedro condemnou o tentador com o triplice poder do seu divino amor e pareceu severo, mas foi sómente justo, porque Simão, o demonio aparente e ostensivo, já era escravo de outro mais negro e atroz, que persegue toda a humanidade para a sua ruina e perdição.

A catastrophe de Affonso termina com a injuria que Simão fez a Pedro. Quantos deslisaram da escola santa sem a comprehensão dos meios divinos e sem o alcance dos fins do sublime culto, e se embrenharam na mais damnada chorêa da usurpação que se fez ao Senhor! Esses hão de ter n'este mundo e no outro a mesma sorte—a catastrophe—e o mesmo exito e cruel engano.

RENAN

O snr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos tratou com exemplar juizo e prudencia a questão da academia real das sciencias e Ernesto Renan. Estas linhas do *Jornal da Noite* compendiam todos os argumentos do esclarecido publicista: *Merecem respeito as convicções. Mas a consciencia dos outros é tão d'elles como a nossa, igualmente livre, de todo o ponto respeitavel.*

É aquillo que dizia eloquentemente Vieira de Castro, no opusculo da REPUBLICA: *nós, que de tolerantes nos desvanecemos, somos intolerantissimos como frades.*

O menospreço d'este canon de liberdade sem rebuço nem condições explica as diatribes desfechadas contra os seis

academicos adversos á admissão do author da *Vida de Jesus*. Os adaís da liberdade forjam golilhas de phrases para o alvedrio dos que votaram segundo sua consciencia. Offendem e injuriam.

O author do romance intitulado *Vida de Jesus* é malquisto dos seis academicos que se dispensaram da sua camaradagem litteraria. Fruiram o indisputavel fôro da sua consciencia, rejeitando-o, como romancista indiscreto que enreda as suas novellas com o sacratissimo nome de Jesus Christo. Se Renan escreveu sobre linguas orientaes um livro mui dilecto do snr. Soromenho, tambem orientalista, isso não é motivo bastante a que as almas profundamente christãs se devam á apotheose do depreciador de Jesus, descontando-lhe as falsificações historicas do romance nos descobrimentos linguisticos que fez ácerca do syriaco e do chaldeu.

Por outro lado, os academicos vencidos na votação e revelados no ulterior protesto, merecem igual inviolabilidade na sua consciencia, mórmente quando, á imitação do snr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, declaram que estremam entre o author da *Vida de Jesus*, e o author da *Historia geral das linguas semitas*.

Temos em conta de veneravel e honroso o proceder dos academicos que afastaram do seu convivio o escriptor que atirou um livro corrosivo ao coração ulcerado da Europa como quem arroja petroleo ás linguas de um incendio. A França lá sabe o que deve aos discipulos de Salvador e de Strauss, e nomeadamente a Renan, o compilador de Reville, de Reuss, de Schérer e Colani. Se alguns homens illustrados pela experiencia e receosos das fatalidades congeneres de certos livros, reprovaram que Renan recebesse publicamente em Portugal a consideração que o snr. Soromenho lhe faculta por sympathicas affinidades phoneticas, o que temos a recear d'ahi é o spectaculo das vaias e satyras com que alguns escriptores estão provando que entre nós é mais urgente um compendio de civilidade que a convivencia academica do sabedor de linguas do Oriente.

CORRECÇÕES

Convém fazer algumas ao artigo *O Decepado* (n.º 4, pag. 71). Ministrou-m'as o snr. J. F. Torres; e eu, trasladando-as, ajunto á gratidão o contentamento de encontrar quem ainda se entretem com cousas tão remotas e alheias das *novissimas* charadas, das *capitações*, do *don-juanismo* e dos bancos.

Transcrevo a carta do cavalheiro, que não tenho o prazer de conhecer; e, se não illido as palavras que encarecem os meus estudos, é porque o appellido que a subscreve ainda não exercita alçada litteraria que levante turbilhões de gloriosa poeira á volta do meu carro triumphal. Eis a carta do snr. J. F. Torres:

.....

«Deliciei-me com a leitura das veridicas noticias historicas do meu conterraneo Duarte d'Almeida, *o Decepado*. Ora, v. incansavel em revolver e pesquisar tudo quanto possa esclarecel-o em tão gloriosa e ardua tarefa, não levará a mal, e relevará a um ignorante o arrojo de lembrar a v. umas insignificantes correções, que em nada alteram a verdade do facto, nem desdizem do eminente grau litterario de seu author.

«Não existe (se é que existia) casa nenhuma acastellada no lugar de Villarigas (hoje por corrupção Vilharigues) no concelho de Vouzella⁴; mas sim um castello ou cubello quadrado e muito alto, em parte mandado demolir pelo fallecido procurador da casa Penalva, Martinho do Banho, para

com a pedra mandar fazer escadas e outras toscas obras que conduzem á capellinha de Santo Amaro, pertencas da mesma casa Penalva. Existe outro igual monumento no lugar de Bandavizes, freguezia de Fataunços.

«A casa da cavallaria sita na villa de Vouzella, e que em tempo devia ter sido uma vivenda ostentosa, como se vê do que ainda hoje existe, pertence actualmente por emprazamento a João Corrêa d'Oliveira.

«A capella da casa é hoje adega, palheiro ou cousa semelhante; e nada alli existe que faça lembrado o nosso celeberrimo S. fr. Gil⁵. Ha porém na villa uma elegante capella do santo, onde se celebra missa todas as segundas feiras; e onde se conserva a pia em que se baptisou o santo; e bem assim o queixo inferior do mesmo, reliquia muito venerada pelos habitantes da villa. O corpo, como v. sabe, jaz enterrado em S. Francisco de Santarem.»

Outra correcção a respeito do prestidigitador Herrmann, mencionado como fallecido, ha dous annos, no artigo intitulado: *A exc.^{ma} madrasta d'el-rei D. Luiz I calumniada.*

O snr. Compare Herrmann está vivo em Vienna d'Austria, e é banqueiro opulento. Quando se retirou rico do theatro, declarou elle aos seus admiradores que morrera na rampa e ia resuscitar na barra, a mais eloquente de quantas conversaram com o genero humanal depois da outra biblica.

João de Deus, o excellente poeta, cantava d'est'arte, ha 15 annos, em Coimbra o dadivoso prestigiador:

*Herrmann! Herrmann! espantas-me! Não scismo
Nos prodigios da milagrosa vara
Que o Senhor Deus te deu:
Teu coração, Moysés do christianismo,
Tua alma é que eu admiro, e te invejára,
Se o que é teu fosse teu.*

Tanto era d'elle o que era d'elle que está banqueiro; e João de Deus, que tem o condão prodigioso de abrir fontes de lagrimas, e não invejava a varinha que tirava de uma manga da casaca trezentas jardas de fita, ainda não é banqueiro, segundo me consta.

Pois tambem Herrmann era poeta, e, se é licito acreditar-o, tinha talento. Elle o disse aos academicos n'estas quadras que, entre outras, sobrevivem ao prestigiador, na pag. 295 do tom. VIII do *Instituto*:

*Le cœur est ulcéré, quand pour prix d'un bienfait
On s'apperçoit alors des ingrats qu'on a fait.
Et pourtant chaque jour j'adresse à l'Eternel
Une promesse sainte, dans un voex solennel!
Si, par lui, mon talent me donne la richesse,
J'ai ma mission aussi, soulager la détresse,
Grâce à vous, tout s'eclairc, un instant a suffi,
Pour ramener enfin le calme en mon esprit.*

N'este poema queixava-se o gentil allemão das suas illusões perdidas, da sua infinda tristeza, e das angustias de coração com que entrára n'aquelle recinto da *charmante jeunesse*. Queixava-se outro sim, de ingratidões que lhe ulceravam o peito. Era um romance de amores começado no Porto, romance que bifurcou em dous fios de ouro: um foi prender-se á orla de um throno não sei aonde, outro á carteira de uma casa bancaria em Vienna d'Austria. Brilhantes desenlaces!

E foram os rapazes de Coimbra—aquelles viventissimos rapazes de 1859, Corvo, Vieira de Castro, João de Deus, Northon, Victorino da Motta, e dezenas de galhardos espiritos que lhe degelaram as Maldades do coração retranzido. *Gloire à vous!* exclamava Herrmann.

⁴ Existia no seculo XVII, segundo m'o affirma um escripto nobiliario

MAU EXEMPLO DE POETAS CASADOS

... Une femme prudente y doit regarder à
deux fois avant d'épouser un poete!

J. JANIN, *Le livre*.

Se o fino amor não é condão dos poetas, é escusado esgaravatar essa rara perola em outra concha. O amor duradouro é incompatível com a creatura sujeita á decomposição e á morte. As recomposições interiores são incessantes, até ao momento em que o espirito vital se evóla, e a podridão começa.

As reformatões da alma operam-se mais de afogadilho que as do corpo. Envelhecem almas em corpos novos. Muita gente sente o graváme e a melancolia da idade de ferro nos annos dourados. Ha tambem o reverso d'isto. Almas floridas em corpos devastados. Os primeiros tem auréola de poesia lugubre. Os segundos são lastimaveis quando, em honra de suas cãs, arrancam um a um os renovos da alma, ou os vão delindo com secretas lagrimas; e são irrisorios, quando aviltam a magestade da velhice, dando resplendor á calva com um nimbo de namorados.

Foi d'esta especie D. Thomaz de Noronha, cognominado, no seculo XVII, *Marcial portuguez*. Amou numerosas primas, e casou com uma, de quem ficou viuvo. Deus sabe como o coração de sua esposa Helena de Salazar foi anavahado de ciumes para a cova! O perfido, em quanto se andava pela côrte diluindo em trovas a fé conjugal, deixava em Alemquer a consorte, cuidando dos trigaes e dos parrécos.

Casou em segundas nupcias com D. Catharina da Veiga, tanto ou mais desafortunada que a primeira. Pensava ella, porém, que o marido, ahi pelos cincoenta, ganharia juizo, e se faria serio, acolhendo-se ao santuario da familia com a lyra e com o rheumatismo.

Enganára-se D. Catharina, a infausta esposa, que, por lhe agradar, se bezuntava de posturas, e arrebicava de inuteis artificios. Santa senhora!

O dissoluto não só a trahia, senão que a zombeteava em verso, depois de a ter mofado na prosa caseira—a prosa de marido enfasiado, que é o vasconso mais barbaro da glottica humana.

Aqui está um dos cantares com que o sobredito *Marcial* desprimorosamente chasqueava as caricias, os vernizes, as tranças retintas, os algodões que lhe acolchoavam o seio, e arqueavam as ancas da esposa, em fim, tudo aquillo que a paixão engenhosa inventára, á custa de inexprimiveis magoas e dolorosos retrocessos nos vestigios da belleza perdida. E observem que o cruel a denomina *Sara*, equiparando-a á velha da Biblia. Lêde, senhoras, que hospedaes poetas no coração:

*Escuta, ó Sara! Pois te falta espelho
para vêr tuas faltas,
não quero que te falte meu conselho
em presumpções tão altas.*

Lembre-te agora só que és terra e lôdo

*e terra te has-de vêr do mesmo modo;
mas não te digo nem te lembro nada
porque ha muito que em terra estás tornada.*

*Que importa que, alguma hora, a prata pura
de tuas mãos nascesse,
e que de teus cabellos a espessura
as minas de ouro dêsse!*

*Se o tempo vil, que tudo troca e muda,
sómente do ouro poz, por mais ajuda,
em tuas mãos de prata o amarello,
e a prata, de tuas mãos em teu cabelo!
se um tempo, foram de marfim brunido
no seculo dourado,
não vês que o tempo as tem já consumido,
não vês que as tem gastado?*

*Deixa, Sara, deixa esses vãos enredos;
que eu, quando toco teus nodosos dedos,
me parece que apalpo, e não me engano,
cinco cordões de frade franciscano.
Viciando a natureza com taes tintas,
com pinceis delicados,
jasmims e rosas em teu rosto pintas.
Deixa esses vãos cuidados;
pois quando tua cara me alvorota,
mascara me parece de chacota;
e, se é das tintas, digo n'este passo
que a mascara está inda em calhamaço.*

*Como pretendes, pois, com mil enganãos,
vestir mil primaveras
sem ter a primavera de teus annos!
Como não desesperas!
que o tempo chegou já ao seu estio,
aonde toda a fruta perde o brio;
parecendo tua cara desmedrada
fruta que se seccou, noz arrugada.*

*Se feitura de Deus Eva não fôra,
dissera, sem porfias,
que de Eva foste mãe, velha senhora,
pois te sobejam dias
para esta presumpção que agora tenho;
e, concluindo em fim, a alcançar venho,
pois alcançar não posso tua idade,
que deves ser a mãe da Eternidade.*

*Teus olhos, por descargo da consciencia,
a idade os tem mettidos
em duas lapas, fazendo penitencia;
e estão tão escondidos,
que, quando os vou buscar porque me choram,
não acerto co' bêco aonde moram;
porque o tempo os mudou, seu passo a passo,
da flor do rosto lá para o cachaço⁶.*

.....
.....
*Em fim, senhora, se te vejo em osso,
com essa cara posta em tal pescoço,
me parece, tirada a cabelleira,
em cima de um bordão uma caveira.*

.....
*Sabe que sei, e d'isto me não gabo,
que te alugou sem duvida o diabo,
invejando teu corpo, cara e dedos
para a Santo Antão fazer maiores medos⁷
E deixa, em fim, tanto vão cuidado;
e ao sagrado te acolhe
primeiro que te ponham em sagrado.
Este conselho colhe;
admitte o que te digo sem desgosto;
que eu, quando vejo teu funesto rosto,
d'elle tambem o seu conselho tomo,
pois cuido que me diz: Memento, homo!*

consolavel e impenitente, por aqui ficou até aos oitenta ou mais, deshonrando a idade provecta com poemas sordidos, e taes que os prelos não os despejaram á circulação dos enxurros. Sem embargo, Jacintho Cordeiro, no *Elogio de poetas lusitanos*, conceitua n'esta altura o descaroadado marido:

*D. Thomaz de Noronha em tanto augmento
Confirma de sus versos la escellencia
Que admirando sutil su entendimiento
Puede hazerle a Quevedo competencia:
Alma de tan ayroso movimiento,
Luz parece de sol de su presencia
Y sol a cuya luz crecen desmayos,
Aguila no soy yo de tantos rayos...*

Que te fulminem, Jacintho!—diria um leitor circumspecto. Achou-lhe airoso movimento na alma, assim como nós, os filhos d'este seculo cortez e cavalheiroso, lhe achariamos na arca do peito as vertigens ebrias d'um trovista de tasca.

A poesia, que um sorriso meigo de mulher agradeceu, logrou a sua nobre missão: divinizou-se. Essa outra cousa, que se chama poesia, porque metrifica a injuria ou o chasco vil á mulher, é a hydrophobia do talento, é enfermidade repugnante.

⁶ Segue uma estrophe cuja nudeza, posto que não envergonhe o realismo hodierno, nos pareceu propriedade dos livros escriptos para *homens*, cuja deshonestidade os authores lisonjeam com as dedicatorias dos seus romances.

⁷ *Metter medo aos medos de Santo Antão*, era adagio do tempo, que teve a seguinte origem: No terceiro domingo de agosto de 1577 sahiu uma procissão da antiga parochia de S. Julião. Entre varias figuras e carros triumphaes ia um homem representando Santo Antão no deserto, e á volta d'elle varios demonios com feitio de monos o aterravam com caretas e tregeitos medonhos.

A CASA DE BRAGANÇA «AB OVO»

D. Gonçalo Pereira, trigesimo-quarto arcebispo de Braga, quando estudava as santas theologias em Salamanca, achou compativel a sciencia de Deus com as curiosidades philoginias, gregamente faltando.

D'esta compatibilidade, em que foi parte integrante e constituinte, chimicamente fallando, D. Thereza Peres Villarinho, resultou nascer um menino robusto, como os recém-nascidos do *high-life*, o qual se chamou Antoninho.

Este D. Antonio Gonçalves Pereira ordenou-se, foi prior do Crato, e pai de 32 filhos, compativeis com o priorado. Uma das mães d'este rapazio todo chamou-se Eyria de Carvalhal, e das predestinadas entranhas d'esta menina apojou D. Nuno Alvares Pereira, pai da primeira duqueza de Bragança, casada com o bastardo de D. João I.

D'esta estirpe, bastantemente gafa de couto-damnado e bastardias, nos veio a redempção em 1640.

Bemditos e louvados sejam aquelles padres arcebispos e priores! Se elles fossem castos ou infecundos, não teriamos Braganças, e gemeríamos ainda hoje captivos de Hespanha.

O arcebispo descança ha 526 annos, em uma capella contigua á porta travessa da sé de Braga. La lhe vi, um d'estes dias, a figura esculpida no mausoléo. Portuguez de lei era aquelle padre, posto que se apaixonasse por hespanholas. O coração não tem *ubi*. O escolar de Salamanca lêra talvez o

philosopho grego que dissera serem todas as mulheres uma. Se a natureza as não discriminára, como estremal-as por fronteiras?

Mas tão portuguez era que articulou em seu testamento que, se um dia a mitra primacial cingisse a fronte de prelado castelhano, fosse arrazada sobre suas cinzas a capella em que ia esperar o clangor da trombeta!

Ainda não vi impressa a noticia do desastre extraordinario que motivou a morte do D. Gonçalo. Nem D. Rodrigo da Cunha nem o padre José Corrêa, biographos dos arcebispos bracharenses, a souberam ou quizeram divulgar. Parece-me, todavia, que o primeiro, tanto por haver sido prelado como por genio investigador de antiguidade, não ignoraria o que era constante de um processo existente no archivo da mitra.

Eis o caso:

Em 1347 foi D. Gonçalo visitar a provincia transmontana. Chegando a Villa-Flôr com grande sequito, travaram-se alli os seus criados com os moradores da terra, e de ambas as partes belligerantes morreram quatro homens e sahiram doze malferidos. Tangeram os sinos a rebate. Levantou-se a povoação armada. Cercaram a residencia do arcebispo, mataram-lhe seis homens, e matariam o proprio prelado, se não fugisse, pendurando-se de uma corda, que lhe não evitou cahir de costas no terreiro e contundir-se gravemente. Não contentes os de Villa-Flôr com a fuga do seu arcebispo, tomaram-lhe as mulas, de envolta com parte dos capellães e seis criados. Protegido por atalhos, o contuso prelado chegou a Carrazeda de Anciães, povoação importante n'aquelle tempo, fortificou-se no castello, fez lavrar instrumento publico, e enviou-o a D. Affonso IV.

O rei, poucos dias depois, mandou a Villa-Flôr uma alçada com dois algozes bem escoltados, e fez enforçar os sacrilegos que pôde colher na devassa. Esta vingança nem por isso alliviou os incommodos do arcebispo descadeirado na queda. Transferido a Braga, deitou-se para nunca mais se erguer. Quatro mezes depois adormeceu no Senhor.

E assim morreu, por effeito de tão miserrimo lance, aquelle valente do Salado, que deu o exemplo da bravura e legou a espada ao seu quarto successor D. Lourenço, o raio de Aljubarrota. Fôra elle o defensor da cidade do Porto, quando o enfurecido amante de Ignez levava na sua vanguarda o incendio e a devastação. Fôra elle ainda quem acaudilhára a hoste de portuguezes, quando uma invasão de hespanhoes, em desapoderada fuga, deixou o sangue de trezentas vidas nas lanças dos alabardeiros do arcebispo.

Santo Deus! um heroe d'esta polpa chega a Villa-Flôr, amotina-se a arraia-miuda, foge de escorregão por uma corda, cahe de cangalhas, amolga o osso sacro, e morre! Mas em fim, maior seria a desgraça de Portugal se elle, antes de lesar as vertebras lombares e regiões visinhas, nos não tivesse deixado os embryões da casa de Bragança na pessoa de seu filho prior!

UM INQUISIDOR PORTUGUEZ E O PRINCIPE DE GALES

O filho de Jayme I de Inglaterra veio a Madrid, em 1610, para vêr de perto a princeza Anna, filha de Philippe III, uma das mais formosas mulheres d'aquella época. D. Fernão Martins Mascarenhas, inquisidor geral de Portugal, e residente em

Lisboa, assim que soube da chegada do heretico neto de Maria Stuart, escreveu-lhe com a santa presumpção de o reduzir á fé catholica. O principe, todo embebecido nas magias da filha de Philippe III, guardou a carta para mais tarde resolver esse negocio que se lhe figurou de importancia subalterna. A opinião de alguns historiadores, porém, é que a Inglaterra voltaria ao redil da igreja romana, não tanto pela influencia theologica da carta, como pelos filtros amorosos da princeza Anna. O principe de Gales pediu-a para esposa; e, quando em Londres se preparavam os festejos do noivado, morreu o noivo em 1612.

A carta do inquisidor bispo do Algarve é inedita. A este prelado devemos a impagavel fineza de expurgar das livrarias de nossos avós todos os livros gafados de heresias. Se não fosse elle, é muito de reear que em Portugal se lêssem então os livros que no seculo XVII propulsaram as sciencias na França e Allemanha: o que seria uma calamidade. Eis a carta do santo varão:

«A vinda de V. A. a esta côrte foi de tanta alegria para todos os que nascemos em Hespanha, que ainda aquelles que estamos mais distantes da sua presença, temos obrigação de fazer demonstração publica, assim em dar graças a Deus por esta mercê, como em significar a V. A. o animo, e a vontade com que festejamos a honra que todos alcançamos por esta causa.

«O que todos agora desejamos, e pedimos a Deus com continuas orações, para melhor servirmos a V. A. n'aquillo que mais lhe importa, é que queira V. A. ouvir e entender a razão do que por cá acha, e é professarmos a fé, e a religião que professa, e ensina a igreja catholica romana, verdadeiramente apostolica; porque o animo com que desejamos paz perpetua entre as corôas de Hespanha e Inglaterra, nos obriga a procurar a conformidade na religião entre os principes dellas, pois, como diz Santo Agostinho, não póde haver verdadeira concordia aonde os entendimentos estão desunidos na terra.

«Muitas razões se podiam allegar para V. A. se dispôr a fazer este serviço a Deus, e mercê a toda a Hespanha, porque os livros estão cheios d'estas materias, mas tres são só as que lembro a V. A. para satisfazer a obrigação que tenho n'este reino de Portugal.

«A primeira é considerar V. A. que isto que nós professamos em Hespanha, acerca da obediencia á sé apostolica-romana, professaram, sem nenhuma interrupção, os serenissimos reis de Inglaterra por mil annos, desde o tempo de S. Gregorio Magno pontifice, e Mauricio imperador, até o de Henrique VIII de Inglaterra, que por seus respeitos fez mudança na religião; porque como nunca se havia preferir o parecer dos que querem innovar cousas ao juizo d'aquelles que dellas perseveraram por tantos annos, bem se vê, a prudencia natural está pedindo que se repare muito n'esta variedade que se introduziu em Inglaterra nos derradeiros annos. E é muito para vêr a fórmula em que escreveu Eduardo, rei de Inglaterra, ao papa Alexandre III, porque ambos estão condemnando o que agora se segue no mesmo reino com palavras tão claras que não soffrem interpretação alguma.

«A segunda razão é porque todos os reis de Inglaterra que antes de Henrique VIII tiveram o sceptro d'aquelle illustre reino depois de Alberto, fundaram a sua jurisdicção na obediencia á igreja romana, em que presidem os verdadeiros successores de S. Pedro, principe dos apostolos, e vigario universal de Christo na terra, até Ina e Ataulfo fazerem o proprio reino tributario da sé apostolica, e este tributo durou por novecentos annos. E ainda que alguns reis de Inglaterra houve que em cousas e casos particulares guardaram menos respeito do que deviam aos pontifices romanos, nunca lhes negaram o serem cabeças da igreja catholica, e sempre depois vieram a fazer penitencia de seus erros, como consta dos proprios annaes e chronicas de Inglaterra que Polidoro Virgilio

II seguiu, e tratou em sua historia.

«A terceira razão é porque o mesmo Henrique VIII que fez esta mudança, quando morreu declarou que errára, e por esta causa expirou com summa pena, e inquietação, como consta da relação que fizeram homens de muita virtude, letras, e authoridade que assistiram á sua morte, e os aponta Sandero, com outros muitos historiadores inglezes que trataram de suas cousas; e se não remediou seus erros foi por occulto juizo de Deus que permittiu lhe faltasse n'aquella hora quem o encaminhasse, e lhe lembrasse o que o proprio escreveu tão doutamente contra Luthero, e dirigiu ao papa Leão X.

«Por onde tornando V. A. a receber aquillo que os reis seus antecessores tiveram e professaram por largos annos, sendo tão virtuosos, prudentes e valorosos, como o mundo todo reconhece, não fará mais que restituir á fé a casa d'onde contra razão e justiça anda desterrada; e com esta restituição além da gloria immortal, que alcançará em todos os seculos vindouros, obrigará a Deus Nosso Senhor abrir as mãos da sua liberalidade para lhe acrescentar muitos reinos com novas prosperidades temporaes.»

A TRILOGIA DA «ACTUALIDADE»

Quando o snr. Moutinho de Sousa, ha pouco tempo, negociava, em Lisboa, actores que preenchessem e aperfeiçoassem a companhia dramatica do theatro Baquet, o snr. Silva, roto saboyardo do escangalhado realejo litterario da *Actualidade*, escreveu, com o desplante da sua ignorancia impenitente, que a escripturação dos tres indicados actores formava uma agradável TRILOGIA.

Tres actores, tres pessoas—uma *trilogia!*

O leitor (se não é elle) sabe que os gregos denominavam *trilogia* o conjuncto de tres peças theatraes, quando o poeta pleiteava o premio da tragedia. Uma compoz Eschylo, a mais commedora que nos legou a antiga scena. Shakspeare fez uma *trilogia* com as tres tragedias que completam Henrique VI. O *Walstein* de Schiller é tambem uma *trilogia*. Querem os francezes por igual ter a sua na concatenação do *Barbeiro de Sevilha*, *Casamento de Figaro* e *Mãe delinquente* de Beaumarchais. Tambem nós, em os nossos humildes fastos litterarios, temos uma *Trilogia romantica*, em que se annunciavam collaboradores Antonio Pereira da Cunha, D. João de Azevedo, e João Machado Pinheiro (visconde de Pindella).

Por analogia, tres composições em um livro, tres tratados, tres discursos, poderemos denominal-os *trilogia*; mas chamar *tratado* (*logos*) ao snr. Pola, e *composição* á snr.^a Virginia, e *discurso* á snr.^a Emilia das Neves, hellenisando-as pessimamente, seria uma fineza grega, se não fosse uma asneira portugueza.

Este snr. Silva (aviso aos naturalistas) dizem-me que tem as orelhas de tamanho regular. Elle e os 2 Joaquins são tres partes de uma só cousa—*trilogia*. Aqui vão bem; cáham: são tres peças que arredondam um tolo superlativo. Ainda, no dominio grego, poderíamos chamar aos tres—*triga*. (Veja um *Lexicon* o snr. Pinto). E, quando apparecer um quarto, por não sahirmos de Athenas e das analogias remotas, os quatro serão *quadriga*. Ora ahi tem gregarias em barda. Divirta-se.

P. S. Eu dissera-lhe *adeusinho*, quando fui *banido*; mas elle, mentindo e espremendo novamente o figado, espirrou um golfo de bilis negra. Faz-se mister não levantar mão das ventosas. Ou

elle estuda, ou eu o esfolo.

FIM DO 5.º NUMERO

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK NOITES DE
INSOMNIA, OFFERECIDAS A QUEM NÃO PÓDE DORMIR. Nº
05 (DE 12) ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE
THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS
WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future

access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning

of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you ‘AS-IS’, WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions

or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S.

laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.